

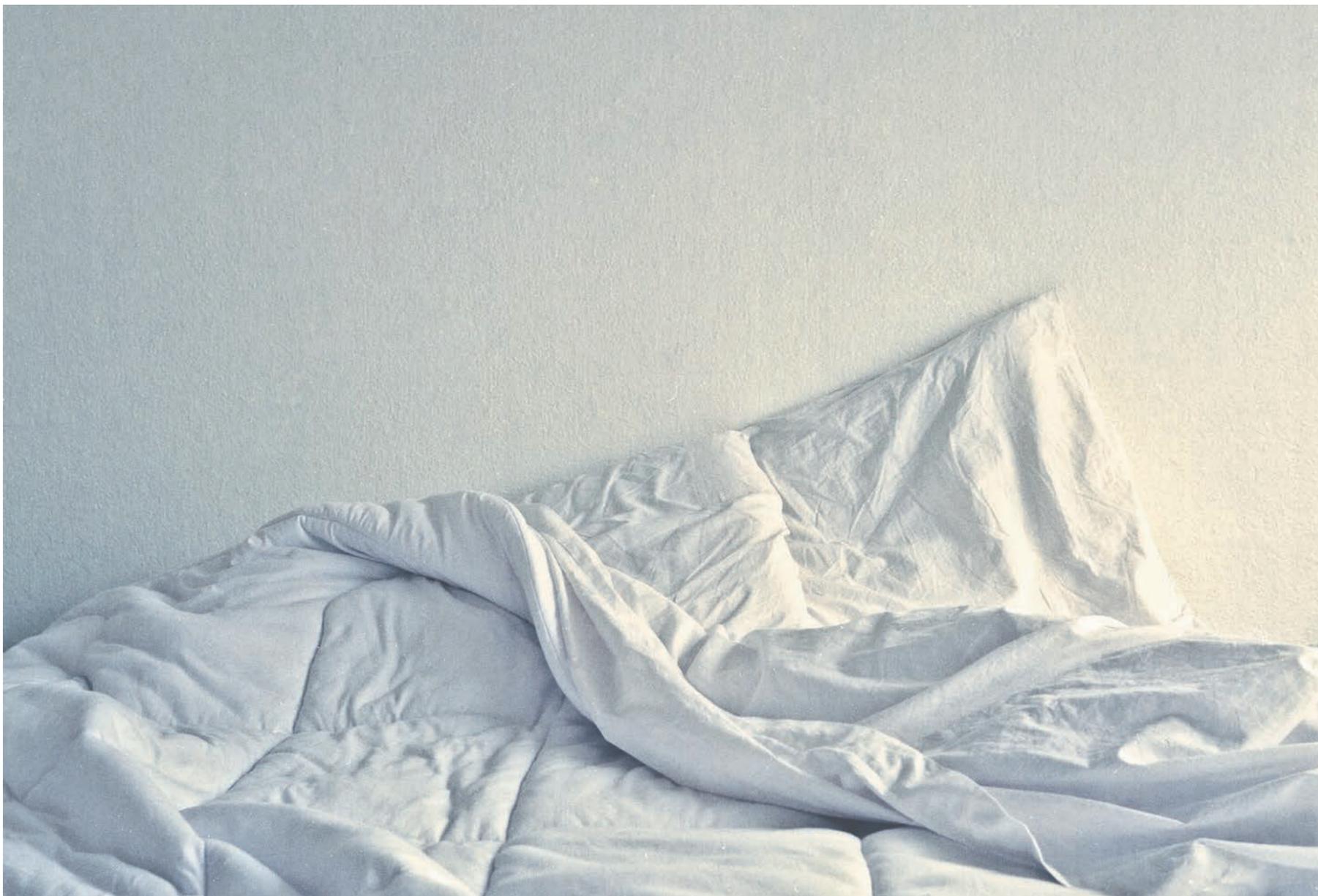
# PERNAMBUCO

## DO LADO DE LÁ

As idiossincrasias e a força de mercado da literatura espírita

HEIDES REIS

## GALERIA



### NATI CANTO

A fotografia foi bem técnica na hora de explicar sua cama desfeita: “Essa foto se chama ‘estudo do branco’. Sua composição tem uns ruídos, umas marquinhas de pontinhos brancas, porque foi feita com uma Yashica Mat antiga 120mm (6x6), e eu não quis limpar, modificar nada no photoshop porque gosto exatamente disso”. Mais do seu trabalho no [www.portfolionaticanto.carbonmade.com](http://www.portfolionaticanto.carbonmade.com)

### CARTA DO EDITOR

**Se você der uma conferida** na lista dos livros mais vendidos do Brasil, logo irá perceber a força da literatura espírita e/ou relacionada ao tema. O sucesso do filme sobre a vida de Chico Xavier, e todo o seu ostensivo marketing martelado pela Rede Globo, deu ainda mais fôlego ao segmento. Para entender a força e as características desse universo, esta edição do **Pernambuco** colocou um verdadeiro time em campo.

Primeiro foi o repórter Diogo Guedes, que conversou com autores espíritas a fim de investigar as minúcias desse campo literário. Os direitos autorais vão para quem? Existe rotina na convivência com os espíritos? O estilo do autor interfere num livro psicografado? São essas e outras perguntas que a reportagem procura desvendar. Já Daniela Arrais fez um longo perfil de Zíbia Gasparetto, a maior best-seller brasileira. Tentamos, inclusive, fazer uma entrevista com a autora, mas ela anda se esquivando dos repórteres. Por fim, Raimundo Carrero escreveu um artigo questionando se possessão e inspiração seriam a mesma coisa. Um tema bastante “apropriado” para um autor que não acredita em inspiração. Apenas no esforço da técnica.

“Tenho – e terei sempre – o maior respeito pelos espíritas e creio na sinceridade de sua crença. Sem dúvida. Na maioria, são pessoas de grande caráter e comportamento. E o que mais me agrada nelas é a humildade – essa humildade, sim, que tanto faz falta aos homens. Assim como creio no Espírito Santo. E, mais ainda, no Dom do Espírito. Ou nos dons. Mas todos recebem os dons, naturalmente. Somos todos filhos espirituais de Deus, Jesus e Maria. E isso não tem nada a ver com a inspiração, sobretudo nos moldes que nos colocam”, observou o autor no seu artigo. Vale ressaltar o esforço do fotógrafo Heudes Régis e do designer Pedro Melo em ilustrar essa matéria de capa com o máximo de sensibilidade.

É um prazer contar nesta edição com a colaboração de Carola Saavedra, um dos nomes mais criativos da nova literatura brasileira. Ela fala sobre o trabalho de composição do seu mais recente romance, *Paisagem com dromedário*, que nos provoca com a ideia de que toda relação amorosa só existe a três. E isso sem falar no conto inédito de Elvira Vigna na contracapa, que traz um olhar agudo sobre pendências emocionais.

É isso, esperamos que gostem da edição e até o próximo mês.

### PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO  
DE PERNAMBUCO

*Governador*  
Eduardo Campos

*Secretário da Casa Civil*  
Ricardo Leitão

COMPANHIA EDITORA  
DE PERNAMBUCO – CEPE

*Presidente*  
Leda Alves  
*Diretor de Produção e Edição*  
Ricardo Melo  
*Diretor Administrativo e Financeiro*  
Bráulio Menezes

CONSELHO EDITORIAL:

Mário Hélio (Presidente)  
Antônio Portela  
José Luiz da Mota Menezes  
Luís Augusto Reis  
Luzilá Gonçalves Ferreira

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO  
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO  
Luiz Arrais

EDIÇÃO  
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO  
Mariza Pontes e Marco Polo

ARTE, FOTOGRAFIA E REVISÃO  
Gilson Oliveira, Karina Freitas, Militão Marques,  
Sebastião Corrêa e Pedro Melo

PRODUÇÃO GRÁFICA  
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves, Roberto  
Bandeira e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE  
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO  
Gilberto Silva

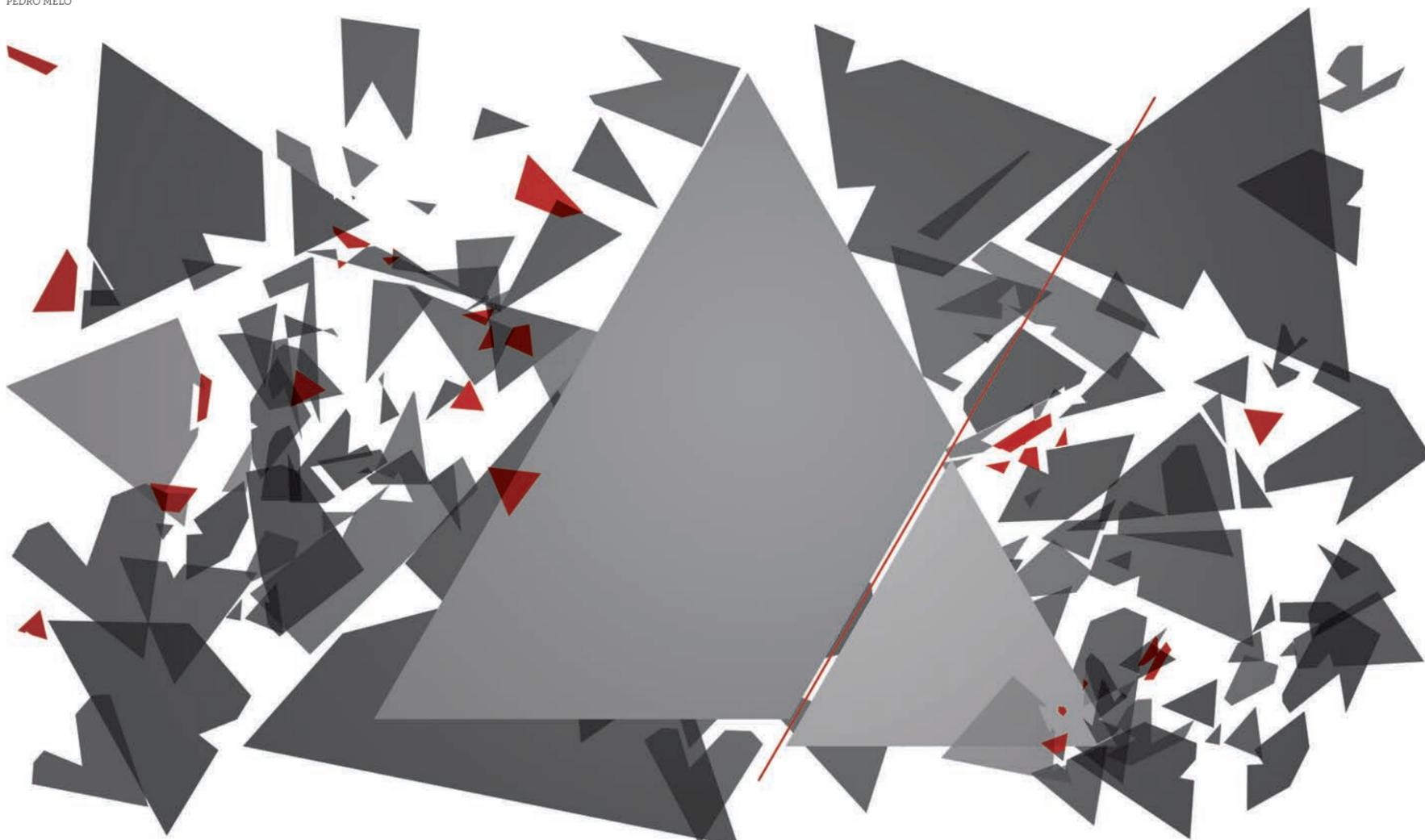
**Cepe**  
EDITORA

PERNAMBUCO é uma publicação da  
Companhia Editora de Pernambuco – CEPE  
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife  
CEP: 50100-140

Contatos com a Redação  
3183.2787 | [redacao@suplementope.com.br](mailto:redacao@suplementope.com.br)

## BASTIDORES

PEDRO MELO



# O triângulo à sua frente está aos pedaços

Um certo protagonista nos lembra que as relações amorosas só existem a três

Carola Saavedra



CARTUNS: GREG  
WWW.FLICKR.COM/GREGORIOSIM

**Paisagem com dromedário** surge a partir de duas ideias básicas. A primeira, relacionada ao enredo, se cristaliza na seguinte frase da protagonista: “É que as relações só existem assim. A três. É sempre necessário um terceiro, que, ao ser excluído, possa, através da sua ausência, a estabelecer um elo entre os outros dois.” Foi pensando nisso que eu criei a história de Érika e Alex, um casal de artistas que se relaciona com Karen, jovem aluna de Alex, que se sente atraída, fascinada pelo casal. Eu partia então da pergunta, o que acontece quando esse triângulo se desfaz? Lembro que essa ideia do triângulo surgiu ao observar uma situação bem diferente da que narro em meu livro, mas que segue a mesma dinâmica: um homem casado tem uma amante, e, ao contrário do que imaginamos, é justamente a amante o que mantém esse casamento funcionando. Enfim, me interessava essa lógica pouco romântica dos relacionamentos.

Minha outra questão era quanto à forma, uma reflexão que está presente desde o meu primeiro romance, *Toda terça*. E que busca respostas para a pergunta: como contar uma história? Se todas as histórias já foram contadas, o que resta ao escritor? Minha resposta tem sido sempre: restam novas formas de contar a mesma história. Eu queria trabalhar num registro que me permitisse uma dramaturgia diferente das que eu havia usado nos romances anteriores (uma espécie de modelo para armar em *Toda terça* e cartas, em *Flores azuis*). Surge então a ideia de trabalhar com gravações. *Paisagem com dromedário* é composto de 22 gravações. Érika, exilada numa ilha, grava para Alex registros de sua passagem por lá, pensamentos, lembranças, dúvidas etc. Me interessava um texto que se aproximasse do radioteatro, e que usasse as marcações como forma de pontuar o monólogo da personagem. Essas marcações em itálico (os ruídos do ambiente, música, fragmentos de diálogos, programas de televisão etc.) funcionam como uma segunda voz, um narrador implícito que, de certa forma, interpreta e até comenta a fala da personagem. É esse narrador, quase imperceptível, quem faz a transcrição, e ao transcrever as gravações dá a sua própria interpretação. Nada nos garante a sua integridade. Ele funciona como um filtro, que pode inclusive ter modificado as palavras originais. Ao utilizar esse recurso, meu objetivo era justamente questionar a aparente veracidade que uma gravação em geral nos transmite. Se está gravado, é por que aconteceu? Em *Paisagem com dromedário*, esse questionamento adquire outras nuances. Aliás, essa é uma

das características de meus livros, gosto de trabalhar com formas narrativas que deixem dúvidas sobre a veracidade do que está sendo contado.

Mas ao começar a escrever o livro nada disso estava assim tão claro. Tanto que inicialmente minha ideia era escrever uma espécie de *road movie*. Uma história que se passasse durante uma viagem dos dois protagonistas, um casal que vai se afastando emocionalmente durante a viagem. Pensei numa história em que os cenários, a música e o rádio fossem parte importante da narrativa. Cheguei a escrever umas quarenta páginas, mas não funcionou, joguei fora. Disso restou apenas a vontade de buscar uma narrativa que se aproximasse de outras artes, do cinema, das artes plásticas, do teatro. Lembro bem quando surgiu a ideia de trabalhar com sons, de um texto que se aproximasse do radioteatro. Foi a partir de um filme de Wim Wenders, que eu havia decidido rever depois de muitos anos, *Lisbon story*. E há uma cena, que é citada no livro: o protagonista passeia por Lisboa gravando os sons da cidade. É a partir dessa cena que surge o meu *Paisagem com dromedário*. Me fascina a imagem de uma pessoa caminhando por um lugar desconhecido, porém, concentrada apenas nos sons, nos barulhos que surgem ao acaso, e na história sonora do lugar. Essa é Érika, a minha narradora. Só que eu a coloquei numa ilha. Uma ilha que nunca é nomeada, mas que existe. Tudo o que é descrito no livro sobre o lugar, existe: os dromedários, as grutas, os vulcões etc. Eu estive lá há uns dois anos. Na época, pensei: esta ilha é tão inverossímil, parece a lua, parece um lugar fantástico. Mas preferi não nomeá-la porque no livro se trata principalmente de uma ilha psíquica e era importante não situá-la geograficamente. E há também a ilha que é simbolizada pela imagem do gravador numa sala vazia. Gosto dessa imagem, uma voz num gravador, talvez uma voz que não mais exista, falando para uma sala vazia. Há uma solidão muito grande nisso.

## O LIVRO



**Paisagem com dromedário**  
Editora Companhia das Letras  
Preço R\$ 38

## ENSAIO

# A fotografia que vemos não está morta

Livro de fotos de Graciela Iturbide tenta recuperar o que restou de Frida Kahlo

Georgia Quintas

PEDRO MELO



**Duas mulheres mexicanas** se encontraram. Graciela e Frida. Não, a história não é simples e sequer limitada pelo momento do encontro. O meio pelo qual se narra é a imagem. Colada na superfície da fotografia, conduz estados imaginativos através da vida de uma mulher resgatada por outra. A fotógrafa Graciela Iturbide não se deparou com a pessoa, a figura feminina, mas com os objetos que pertenciam ao cotidiano privado de Frida Kahlo (1907-1954) – ícone mexicano das artes plásticas e ativista política. Portanto, vemos fotografias que exercitam a dúvida, a ausência da pessoa pela existência das coisas, do lugar físico que acomoda um horizonte poético sem maneirismos, mas com precisão. Fazendo apenas hipérboles para a fruição com a alma.

Mas vamos à história. Quando Frida Kahlo morreu, Diego Rivera, seu marido e também pintor, cerrou o que considerava de mais íntimo na casa onde ela havia nascido e morrido: o banheiro. Tomou assim a dimensão de um não-lugar, o relicário estanque, guardado por ordem expressa. O luto fez com que se preservasse e respeitasse a dor que sufocava aquele espaço. Até que um dia, a fotógrafa entrou serenamente. Ela e a câmera fotográfica. Somente as duas. Prontas para romperem a morte. O olhar através da câmera iria escoar os fantasmas, produzir imagens e dar vida a objetos exilados da nossa visão. Diria mesmo que, havia muito, fenecidos na instância da memória. Ao negar o trânsito do olhar naquele cômodo, Diego Rivera cuidou da amada aos olhos dos outros – mesmo que esses fossem admiradores de quem ali viveu. O marido sacralizou o que de mais íntimo existia naquela casa, seguindo sua emoção.

A casa, após a partida de Frida, tornou-se museu. Toda a casa descamou-se, ao longo desses anos, pelos olhares dos visitantes. Menos o banheiro... Em 2006, veio o convite e nasceram as fotografias. Podemos vê-las no livro *El baño de Frida Kahlo* (Editorial RM, México, 2009) da fotógrafa mexicana Graciela Iturbide feitas

na Casa Azul (em Coyoacán, México) – lugar onde nasceu e morreu Frida Kahlo.

Graciela Iturbide é um dos nomes mais importantes da fotografia mundial. Seu trabalho é alimentado pela alteridade, em conviver com o outro de perto, fotografando pela honestidade de doar-se pelo olhar. O ponto de vista de Iturbide sempre foi esse. Os ensaios sobre povos indígenas mexicanos representam o registro de identidade de maneira eloquente e plasticamente envolvente. Para ela, a motivação criativa surge de sua terra e sua gente.

Voltemos à cena. Graciela chegara. Havia sido convidada, sem saber muito bem o porquê fora a escolhida. As cores feéricas das paredes da casa – que não são apenas azuis – lhe acompanharam. O espaço era exótico, até mesmo prosaico, como o motivo a ser fotografado: um banheiro. O que fazer diante, ou melhor, dentro dele? Seguiu. Ao abrir a porta, o ambiente respirou. Cinquenta anos, morosamente, despertavam através da presença de Graciela. A câmera começara a reagir.

A fotógrafa encontrou a arqueologia da dor de Frida Kahlo. A vida de uma das mais importantes pintoras do século 20 foi pontuada por vários problemas de saúde. Aos seis anos, Frida teve poliomielite que deixou sequelas numa de suas pernas. Jovem, com 18 anos, foi vítima de um acidente terrível de ônibus que a fez passar por mais de 30 cirurgias na coluna. Coletes ortopédicos eram corriqueiros na tentativa de convalescença de todos os seus males físicos. Em 1934, foi preciso amputar seus dedos do pé direito. E em 1953, por conta de uma gangrena teve sua perna direita amputada.

As imagens capturaram os objetos – a crueza dos vestígios. Há alguns coletes, barras de apoio na parede, pares de muleta, uma bata de hospital manchada de tinta, bolsa térmica. E mais... A surpresa em também habitar aquele espaço uma tartaruga empalhada e certo pôster do líder russo Lênin. Neste cenário, a fotógrafa





passa a documentar a presença dos objetos dando-lhes expressividade em determinar outros recortes no próprio território. As fotografias do “banho de Frida” não são naturezas-mortas. Ao contrário, pertencem a uma vigorosa abordagem de criar e reconduzir percepções. A elegância da plasticidade em preto e branco e as composições minimalistas negam qualquer relação com a espetacularização do sofrimento, da fragilidade ou da indiscrição.

As coisas apresentadas por Graciela indiciam por si mesmas as vicissitudes de quem as necessitava. Desta forma, o vazio é preenchido pelo lirismo em trazer aos olhos de outrem à sensação do humano. Como se os objetos se referissem à latência do corpo de Frida, mas sem os clichês depurados. De modo que essas imagens fotográficas passam a tratar a realidade como dispositivo do instante em que Graciela adentra o banheiro. Já não é mais passado ou somente memória.

Rememoramos Frida pelo ato, escolhas e narração com os quais a fotógrafa resolve imaginar os objetos enquanto elementos autônomos na imagem. Portanto, percebemos em sua retórica argumentos de cisão com a prática em registrar o real intermediado pela destreza em ludibriar os referentes através da investigação e inquietação autorais. Assim como Lênin e a curiosa tartaruga que foram parar dentro da banheira, a própria Graciela também resolve se colocar. E então, auto-retrata seus pés em alusão direta aos trabalhos de Frida. Tem-se, desse modo, a dessacralização do lugar – acompanhada da transferência de ícones (os pés que já não são os de Frida) –, amplia a perspectiva simbólica do contexto fotografado.

Precisamos ler esse ensaio de Graciela Iturbide como aproximação com o pertencimento da gramática de outrem. Contemplamos, portanto, o antagonismo da memória. Afinal, como escreveu o filósofo Henri Bergson, “imaginar não é lembrar-se”. Parece constituir uma situação dual. Todavia, é. Apesar de sabermos do

histórico e da impregnação do mito e da dor da pintora mexicana, a poética fotográfica interpreta as obviedades simbólicas. Sem desprender-se da inexorável figura estoica que representa Frida Kahlo ante sua vida, é o ponto de vista subjetivo e autoral da fotógrafa que reordena os resquícios, rastros e silêncios sentidos pela experiência naquele banheiro. Fica mais fácil entender esse pensamento, quando se compartilha da postura de Graciela Iturbide a respeito da produção de imagens: “Nunca penso nas minhas imagens como um projeto, eu simplesmente vivo as situações e as fotografo, é depois que eu descubro as imagens”.

Entretanto, o ensaio fotográfico vai além. A câmera move-se da paisagem do quarto de banho. Caminha com Graciela Iturbide para fora da casa. Certo objeto, inanimado, assim como todo o resto dos elementos encontrados no banheiro possuía tal dimensão simbólica que parecia pedir ajuda para respirar. Graciela amparou. Então o colocou, sozinho, encostado no muro, levemente inclinado para o lado esquerdo da composição. Lá está ela: a prótese da perna de Frida. A imagem é suave, delicada, envolta pela luz filtrada de alguma árvore. O objeto centralizado estabelece tal grau de subjetividade que não evoca apenas a memória e o sofrimento de Frida, mas nos faz refletir sobre o exercício do gesto em confabular a realidade.

#### A EXPERIÊNCIA E A IMAGEM

A perna torna-se a imagem-ícone que carrega consigo a representação da vida de Frida. Contudo, esta mesma perna nos estimula a pensar na trajetória das coisas e seus efeitos na fotografia. A visão fantástica proposta de modo singelo na estética é o resultado da vivência de Graciela. O fotografável, neste caso, foi o tempo de depurar a força dos signos de um mito. A perna é Frida, que agora é fruto da experiência de Graciela. A ação implícita em deslocar o fato contribui para a desmaterialização da coisa que atesta e diz. E essa é uma grande saída para a fotografia.

Mais do que isso, a imagem fotográfica descarrilha o próprio dispositivo quando rompe com a ideia de perceber o referente pela subjetividade. A estética encaminha sensações, contudo, muito mais imprecisões do que clarezas. Pois, neste caso, vou utilizar a expressão “imensidão íntima” do filósofo Gaston Bachelard para os efeitos da fotografia. As bordas da imagem nunca dão conta da vastidão dos significados e relações com o mundo e os sentimentos de determinado espaço fotografado e de quem o habita. A poética desconcertante realizada por Graciela Iturbide está em conduzir o “dentro” e o “fora” da imagem de maneira consonante com o fenômeno que ocorria na ação de entrada do seu olhar fotográfico. Ao tirar a prótese do seu canto surdo, o objeto passa a ser o epicentro da vida de qualquer mulher – aos privados das informações biográficas que contextualizam essa imagem. Para os outros “leitores”, a perna reverbera a imensidão íntima do que se possa sentir no presente e recompor do passado o ícone profundo que fora Frida.

A fotografia que vemos não está morta. Ela inicia-se antes da tomada do enquadramento. O percurso anterior a isso pode direcionar a riqueza e complexidade que existe em tornar a imagem um signo com manifestações de significado, encantamento e poética. O que faz a imagem fotográfica pertencer ao campo do sensível? Por que a fotografia deve ir além do documental? E o que representa a câmera invadir determinado espaço repleto de sentidos? Ou seja, qual a razão em fazer a fotografia acontecer? Quem pode nos responder a todas estas questões é o próprio trabalho de Graciela com Frida. Afinal, está ali a imagem fotográfica como revelação. Na verdade, ela é mais, pois nos compromete com o imaginário, tempos cruzados e a sensação pela ausência. A poeira e a perna de Frida saíram da casa. Assim é a fotografia.

Georgia Quintas é doutora em antropologia pela Universidade de Salamanca (Espanha) e a autora de *Man Ray e a imagem da mulher*

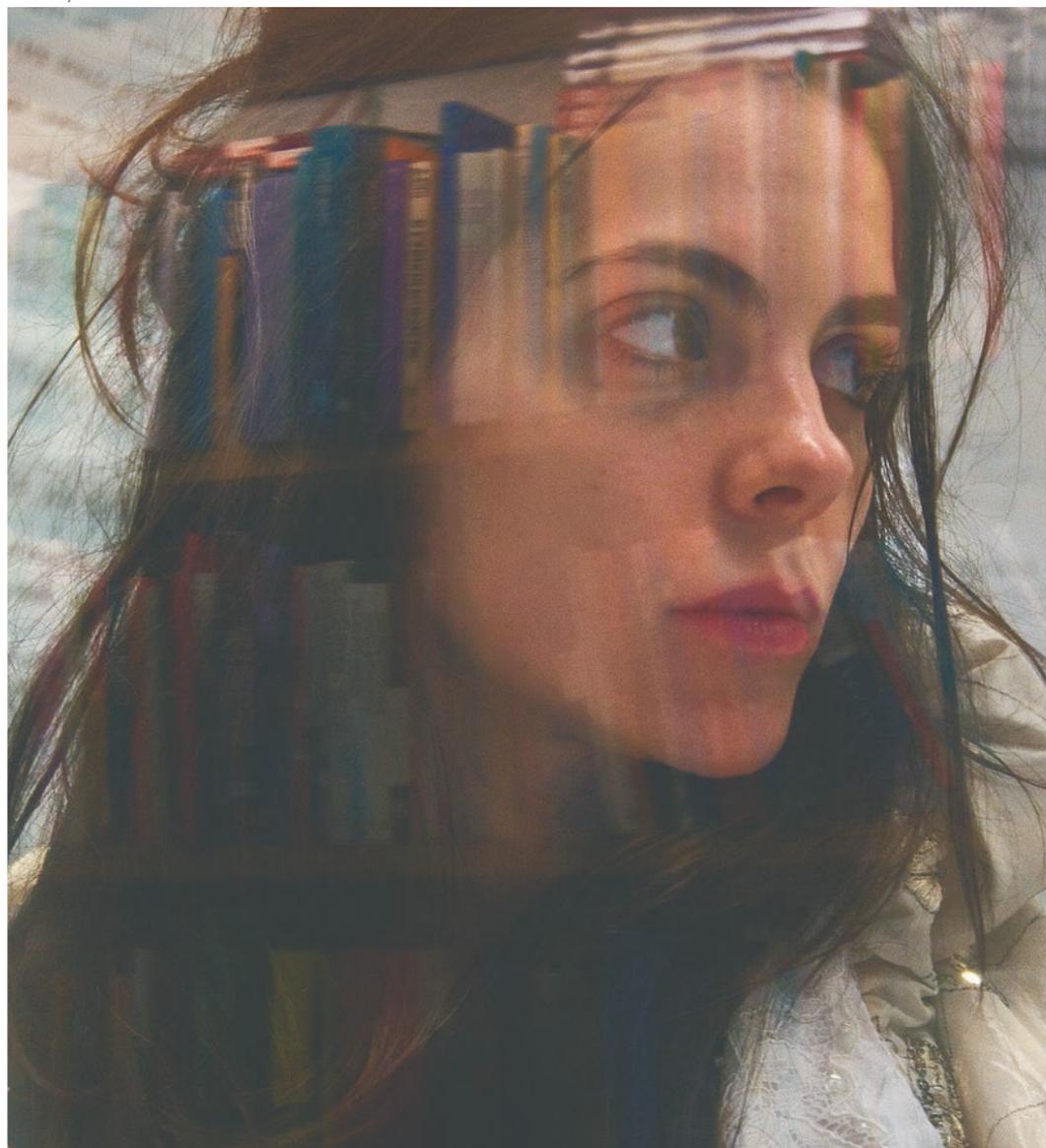
## ENTREVISTA

## Paula Parisot

# “Saber que posso me matar é algo que me agrada”

Paula Parisot fala da obsessão pela morte em seu romance de estreia *Gonzos e parafusos*, da sua saída da Cia. das Letras e da amizade com o seu “mentor” Rubem Fonseca

DIVULGAÇÃO



Entrevista a **Talles Colatino**

**Com um lápis em punho**, os primeiros traços profissionais de Paula Parisot não formaram palavras, mas sim desenhos. Deles nasceram bolsas de tecido emborrachado italiano, cintos de macramê dourado, colares com pingentes de chifre de boi... Objetos que se unem para alimentar o discurso fetichista, senha primordial para a compreensão da lógica do design de moda, o universo que projetou o nome da jovem designer carioca.

O flerte de Paula Parisot com a literatura se deu através de um cupido de marca maior que qualquer grife criada por ela: Rubem Fonseca. Leitora ávida de sua obra, ela encontrou Rubem numa padaria do Leblon. Parisot o abordou, pediu para

que lesse um livro que ela estava escrevendo. O resultado do incentivo dado não poderia ser mais rentável: ela estreou na literatura em 2007, com a coletânea de contos *A dama da solidão*, editado pela Companhia das Letras. Curiosamente, na época, a mesma editora de seu “mestre”.

Como os produtos que desenha, a literatura produzida por Parisot reflete fetiches que contornam as obsessões do comportamento humano. Foi assim com os contos de teor erótico de *A dama da solidão* e com seu primeiro romance, *Gonzos e parafusos*, editado pela Leya, no qual a escritora toma como desafio administrar a loucura e obsessão suicida de Isabela. A personagem é uma psicanalista que reflete – mais uma vez, obsessivamente – sua imagem na figura da Baronesa Elisabeth Bachofen-Echt, famosa pintura do aus-

tríaco Gustav Klint. Em março, Paula Parisot foi protagonista de uma performance, que culminou no lançamento do livro. Passou sete dias confinada numa caixa de acrílico de 3 por 4 metros quadrados na Livraria da Vila, em São Paulo, travestida como a tal baronesa e sendo alimentada por parente e amigos, entre eles, Rubem Fonseca. Sobre sua trajetória, o novo livro, a performance, Rubem Fonseca, e, claro, obsessões, a escritora conversou com o **Pernambuco**.

**Existe relação entre processo de criação literária e o design? Escrever um romance ou um conto, em algum ponto, se assemelha a produzir um desenho?**

Sinto o desenho e a escrita de formas diferentes, logo são processos distintos. Escrevo para tentar entender o que penso e desenho porque ao desenhar paro de pensar, fico no vácuo e a partir desse vazio descubro muitas coisas, coisas que depois posso até vir a escrever sobre elas.

**Você possui mestrado em belas-artes e sua produção, inclusive em alguns contos de *A dama da solidão*, faz sempre referência às artes plásticas. Além de ter projetado um momento do seu romance *Gonzos e parafusos* para uma performance. Podemos esperar que essa relação estreita com as artes visuais seja sempre uma companheira na sua trajetória literária? Seria uma das suas obsessões?**

Creio que sim, mas não diria que isso é uma obsessão e sim a forma que encontrei para me expressar.

**Os contos de *A dama da solidão* aliam a temática sexual à construção de uma panorama amplo das relações humanas e suas peculiaridades. É, sobretudo, um livro sobre desejo, em suas diversas formas. Em *Gonzos e parafusos*, esse desejo**

“Escrevo para tentar entender o que penso e desenho porque ao desenhar paro de pensar, e no vácuo descubro muitas coisas

está refletido na obsessão da personagem Isabela pela morte. Como nasceu a ideia de repensar o desejo a partir dessa visão, tão obscura quanto definitiva, que é a de uma suicida?

Saber que posso me matar me agrada. É libertador saber que tenho o poder para acabar com a minha vida, que posso deixar de existir se eu desejar. Se estou viva é porque quero.

**Isabela é psicanalista e recorre sempre a citações freudianas para analisar a sua vida e a de seus pacientes. Como você se aproximou da psicanálise para construir a personagem?**

Pesquisando, estudando. Li muito, Lacan, Jung e principalmente Freud, de quem li todos os artigos. Além disso, contei com a ajuda de uma grande amiga, a psicanalista Sônia Nassim. Faço psicanálise individual há anos e isso evidentemente também me ajudou na construção do *Gonzos e parafusos*.

**Como se deu sua saída da Companhia das Letras e chegada na Leya?**

A Companhia das Letras sugeriu mudanças no meu romance *Gonzos e parafusos* das quais eu discordava, conquanto eu reconheça que a Cia. das Letras tem excelentes editores. Então, visto que eu não estava disposta a fazer tais alterações, procurei duas outras editoras, a Cosac Naify e a Leya. As duas se interessaram pelo *Gonzos e parafusos*, mas eu optei pela Leya. O Pascoal Soto [da Leya] é um excelente diretor-editorial, que acreditou no meu livro e também na performance. No entanto, eu devo muito a Companhia das Letras, ela lançou o meu primeiro livro e é uma editora em todos os aspectos digna dos maiores elogios.

**Como você avalia sua primeira incursão no romance? Possui predileção por um gênero?**

Escrever *Gonzos e parafusos*, meu primeiro romance, foi desafiador porque descobri que eu precisava de um fôlego que o meu primeiro livro, por ser de contos, não me exigiu. O romance requer muita disciplina e persistência. É como fazer um bolo, você não pode parar de mexer senão desanda. Na hora de escrever não tenho predileção por um gênero, mas como leitora o que mais me dá prazer é a poesia.

**Muito se especula sobre sua relação pessoal com Rubem Fonseca, mas pouco se fala sobre a entrada dele na sua vida e a influência dele na sua literatura. Qual a importância dele para sua vida?**

Não sei responder isso até porque o Rubem significa diferentes coisas para mim e a importância dele na minha vida pessoal e literária é muito grande.

**Em que momento julgou a performance necessária para a ocasião do lançamento de *Gonzos e Parafusos*? Qual era o objetivo dela?**

Não é necessário fazer performance para lançar livro, o livro se basta. A literatura se basta. A minha performance não foi necessária para o lançamento do *Gonzos e parafusos*, foi uma necessidade minha. Sabe, escrever um livro é surgir do nada, você tem que criar algo, por menor que seja, e seguir escrevendo, mesmo que não saiba para onde está indo. É como na vida, você tem que se inventar todos os dias e seguir vivendo. Talvez por isso eu tenha feito a performance, porque performance é arte viva, é a vida ritualizada, com o que há de mais significativo. Creio que a performance nasceu da necessidade de eu me unir, eu, em carne e osso, com a história que inventei. Como se eu pudesse fundir ficção e realidade. O livro tem algo de eterno que me desagrada. Entenda, não é o livro em si que me

desagrada, amo livros. Pensar que o livro permanece, que fica para posteridade ainda que ninguém o leia, isso sim causa em mim certo estranhamento. Eu quero o agora, a presença física, quero aceitar a minha efemeridade, a minha falta de significado, a minha falta de respostas, eu como qualquer outro estou desamparada. E eu, na performance, sendo eu e sendo a autora e sendo a Isabela e a baronesa e a menina, sou muitas e sou também aquele que vem me ver, porque se eu estou ali, de verdade, para o outro, me desapego de mim, perco a minha identidade. Eu, a partir desse ritual, me uno ao universo.

**Esse objetivo foi alcançado?**

Não sei, mas acho que sim. Durante os sete dias que fiquei dentro da morada de acrílico descobri que todas as regras da performance (como se sabe a arte performática exige regras) proporcionavam a união entre o universo da ficção, o romance, e a realidade. A Isabela, na minha opinião, não é uma louca, é uma pessoa como outra qualquer, que precisa administrar a loucura para continuar vivendo. Ela quer ser cuidada, quer ser amada, se sente ignorada e esquecida, pelo pai, pela mãe, pelas avós, pelo amante, pelos amigos. É como se a Isabela não existisse para ela. E talvez o meu ponto em comum com a Isabela seja justamente a inexistência. Olho-me no espelho e não vejo nada, é como se eu não tivesse um rosto, uma identidade e por isso, com facilidade, posso confundir-me no outro, porque me perdi de mim. A Isabela sou eu e eu me transcendo ao criá-la. Concordo com Brodsky que disse que “a biografia de um escritor é a sua obra”. Quando escrevo me exponho e quando faço uma performance, me exponho ainda mais, me exponho ao outro, me exponho a mim. Dentro da livraria foi construída

“Faço psicanálise individual há anos e isso também me ajudou no processo de construção do *Gonzos e parafusos*

uma morada e dentro da morada havia uma autora e a sua personagem, e existia ainda a fantasia delas. Um mundo inteiro dentro de uma livraria, os livros e a morada, eu junto com a minha personagem voltei para o quarto dentro de uma biblioteca, como aconteceu no passado comigo e com a Isabela. Um universo dentro do outro. Eu vestida de branco dentro de um quarto igual ao que eu descrevo no meu romance. Porém, esse quarto é construído no meio de uma livraria, um buraco branco no meio dos livros. E entre mim de branco, o buraco branco e os livros, surgiam os outros, pessoas que entravam na livraria e se deparavam comigo. Eu via cada um como jamais havia visto, pois eu, sem que eles soubessem, estava escondida no meu buraco, protegida, sendo alimentada por aqueles que eu escolhi para cuidarem de mim. O que existia naquele quarto de acrílico? Como diz o subtítulo da performance “uma morada para a Baronesa Elisabeth Bachofen-Echt, para a Menina em Pé Nua de Cabelo Preto, para Isabela e para autora”, e lá realmente estávamos todas nós, uma sobrevivendo à outra. Porém, à medida que os dias passavam eu percebia que eu era eu e era também um espelho. Antes de ser vista eu via.

**O que sentiu quando viu o Rubem Fonseca, sempre tão recluso, lá, durante a performance?**

Felicidade.

**Passou pela sua cabeça que a performance poderia soar à crítica mais como uma estratégia de marketing do que como expressão artística?**

Isso não é problema meu.

**A atenção que você obteve com essa ação nos leva a refletir sobre as formas de divulgação atual da literatura. Como você analisa o contato da literatura**

**com outras mídias e com o mercado poderia trabalhar melhor a divulgação do que é produzido hoje em dia?**

Não sei lhe responder. A única coisa que posso dizer, e não me refiro a mídia ou divulgação, mas as formas de expressão artística, é que a performance e a literatura assim como a música, a pintura, o teatro etc, são meios de expressão, agora a relação entre eles quem dá é o artista. Eu criei esse elo entre a literatura e a performance porque senti necessidade e devo confessar que fiquei surpresa com a repercussão. No entanto, estou satisfeita porque se falaram tanto, de forma tão extremada, é porque tirei muita gente da zona de conforto, fiz as pessoas pensarem. Por que um escritor não pode fazer uma performance? Por que isso parece tão estranho?

**Durante o confinamento, você levou um caderno para cada dia, para registrar suas experiências. Pretende lançar esse material de alguma forma?**

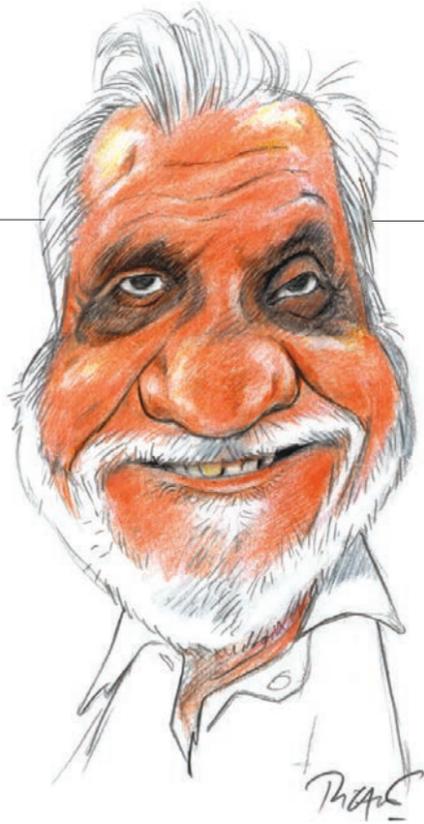
Pretendemos lançar um livro intitulado *Parafusos sobressalentes* com os desenhos e escritos que fiz, nas paredes da morada de acrílico e em cadernos, durante a performance.

**Você divide com Fernanda Young a capa da edição de maio do jornal *Rascunho*, com a manchete “Muita pose, pouca literatura”. Nessa edição, seu livro é julgado como um “romance de afetação” que “desfila erudição que em nada ajuda a compreender a obra”. Como você defenderia seu trabalho diante dessas críticas?**

Eu não discuto a opinião dos críticos.

**Está trabalhando em algum título novo?**

Estou trabalhando em um novo romance ainda sem título que é narrado por um homem, na primeira pessoa.



## Raimundo CARRERO

# O princípio e o fim são conceitos vagos

Ninguém precisa de metro  
ou de régua para carregar  
os meses e sentir os dias

**Quando penso no tempo** de um romance – novela ou conto – nunca me preocupo com o começo, o meio ou o fim de uma história. Ou seja, o tempo cronológico. Não é isso. Em absoluto. Quando penso no tempo de um texto de ficção quero saber como o narrador é capaz de fazer uso deste problema que exige a maior perícia possível: o tempo. Preocupo-me com as mudanças, as alternâncias, um tipo de estratégia que embora não complique a vida do leitor, seja capaz de tornar a estrutura mais criativa e mais sólida. Mais inventiva. Um tempo que, sendo cronológico, também seja psicológico nas suas imensas variações. Tudo isso sem causar danos ao leitor.

Assim, rapidamente: quando o navio que conduz Frédéric Moreau, de *Educação Sentimental*, de Flaubert, parte de Paris, no começo do livro, em direção ao lugarejo onde ele mora com a mãe, é espaço em movimento ou tempo? Mais didático: um navio é espaço, sim, sem dúvida, é espaço concreto, compreendemos. Mas quando ele se move e, portanto, sai de um princípio para o fim, ele conduz Frédéric para um futuro – sai de um presente que se torna passado e para um futuro que é também passado e que, em algum momento, foi futuro, seria futuro? –, o navio – preciso repetir o nome – é um espaço que se move ou um tempo que se esvai? No terreno da filosofia teríamos muito o que pensar – e do que tratar –, mas voltemos para o campo da ficção, que é nosso terreno específico. E, mais ainda, para um espaço jornalístico limitado.

Como um narrador pode fazer uso desses conceitos? Ou como, especificamente, Flaubert faz uso desses conceitos? Como é que fica? Não precisa ninguém ficar brabo comigo porque trato tempo e espaço como conceitos. Tempo e espaço são vivos e é com eles que vivemos. Há muita divergência em torno do assunto, e é melhor não complicar mais. Basta que o leitor pense comigo a respeito da ficção. E já é demais, não é? Sei, eu sei, que há também o conceito de Zenão a respeito da flecha. É assunto que me preocupa. Como sei que existe quem diga que não existe o tempo e apenas o espaço. Mas também temos o nosso espaço e precisamos ocupá-lo. Tudo bem. Pouco a pouco vamos colocando os pés no chão, mesmo que a minha reflexão não seja tão leve assim, a partir da questão do navio em Flaubert, assunto que também preocupou Proust, que diz ter aprendido muito com Flaubert, o velho mágico da mata francesa. Afinal, ele não morava em Paris, não é mesmo? Morava no campo. Num lugar distante. Na sua mata. Mesmo metafórica.

Mas o navio está ali parado quando começamos a ler o romance e entre os passageiros está Frédéric, com todo o seu tédio e toda a sua angústia, que se ampliará nas páginas seguintes, embora não seja descrito, nem ele nem nenhum outro personagem importante. Então o personagem e o navio estão em repouso, num ponto fixo, num cenário humano,

## O tempo é implacável mesmo quando se transforma em espaço na linha fixa de uma narrativa

conforme classificação exposta no nosso livro *A preparação do escritor*. Em repouso, sim. Mas quando o navio faz a trajetória entre Paris e o lugarejo é somente espaço ou, mais adiante, espaço em movimento, o que não deixa de ser tempo? Como fica? É por isso que Proust diz que apreendeu ali a tratar o tempo, posteriormente, em *Em busca do tempo perdido*. E esse é um problema do escritor? Ou, ainda um pouco adiante, do narrador?

Sim, é um problema do narrador. Pode-se encontrar uma solução intuitiva ou não. Porque, ao se mover, o personagem não perde o espaço – que, no entanto, vai se alterando – e se move no tempo. Embora sem carga dramática, ele vai inconscientemente tratando do problema principal do episódio: vai contar à mãe qual o resultado da conversa que tivera com o tio a respeito da herança da família. Este, no tempo, assunto principal, é mostrado, rapidamente. No quarto parágrafo do primeiro capítulo:

“A mãe dera-lhe a quantia exata para ir ao Havre visitar o tio, cuja herança esperava que viesse a caber ao filho”.

E apenas isso. Nesse momento, causa uma profunda inquietação no leitor, porque a conversa não é revelada, o resultado fica em silêncio, ninguém sabe o que aconteceu. E é um drama familiar. No espaço, ou no navio, Frédéric gasta o seu espírito romântico com amores, ou com seu amor pela Senhor Arnoux, com leveza, simplicidade e simpatia. O problema central, a herança, fica completamente esquecido. Um autor comum diria: “E o tempo passou”. Pelo amor de Deus, nunca diga isso. Deixe o tempo passar, inevitável. Ele passa, passa mesmo, não precisa que você diga nada. A ação ou as ações explicam. Durante a viagem, parece que nada acontece quanto à preocupação com a herança. Porém, na mudança de espaço – do navio para a casa da família, aí o

Marco  
Polo

MERCADO  
EDITORIAL

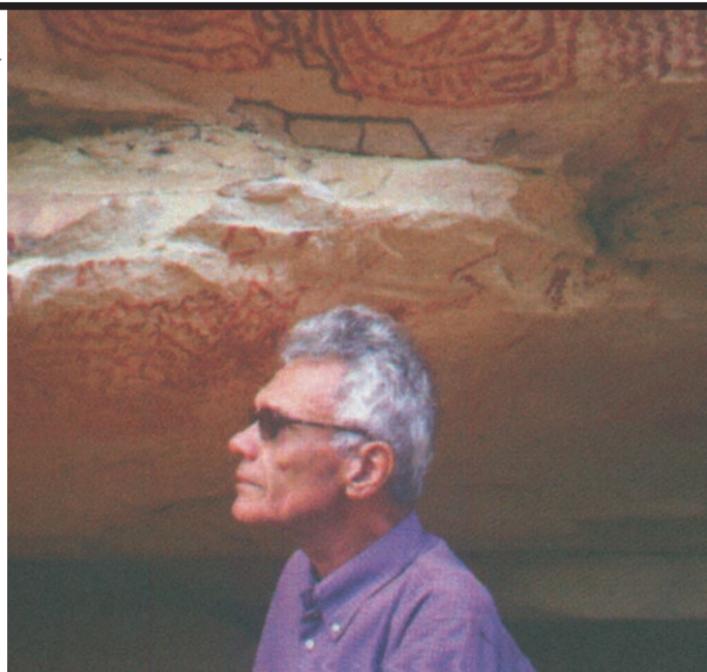
### LANÇAMENTO

#### Poeta pernambucano Almir Castro Barros tem livro publicado em edição nacional pela 7Letras

O poema *Um beijo para os crocodilos* foi publicado anteriormente no número 6 da revista *Encontro*, do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco, em 1987. Agora, dá nome ao belo livro de Almir Castro Barros (foto), editado pela 7Letras. Almir, um dos melhores e mais originais poetas da chamada Geração 65, é autor de versos quase silenciosos em sua sutileza, cuja força nos atinge sem percebermos. Uma

espécie de melancolia estoica perpassa essa grande poesia em tom menor. No entanto, quando nos damos conta, lá está sua marca. Poeta do sussurro, avesso ao brusco ou grandiloquente, é capaz de iluminar o céu com uma imagem inesperada. Boa notícia saber que Almir, tal como já ocorreu com Everardo Norões, encontre na 7Letras a oportunidade de seu trabalho alcançar divulgação nacional.

REPRODUÇÃO



## CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINALS PELO CONSELHO EDITORIAL

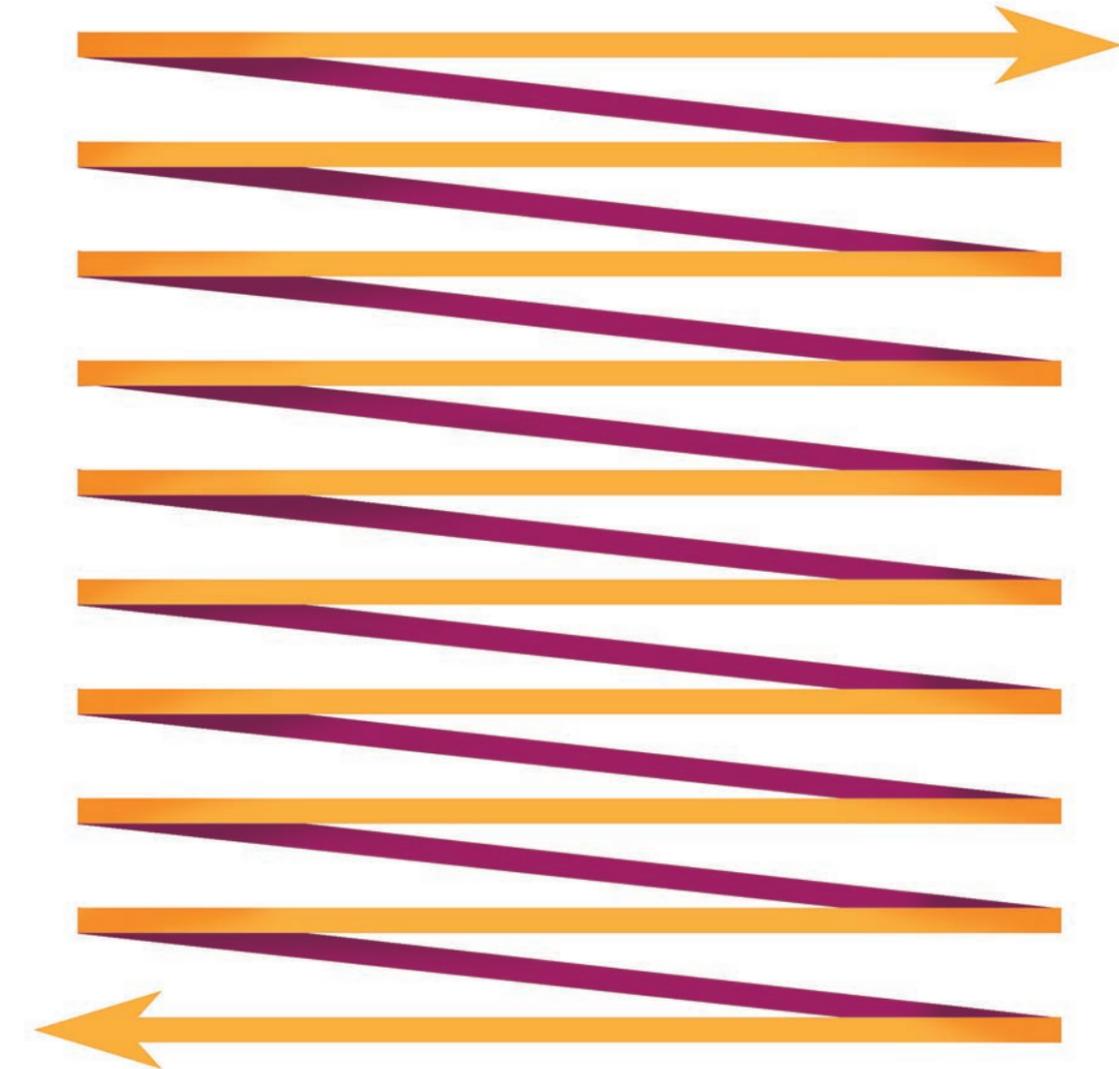
1. Todos os originais de livros submetidos à CEPE são analisados pelo seu Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
  - Contribuição relevante para Pernambuco;
  - Adequação à missão institucional da CEPE e sintonia com a sua linha editorial, que privilegia obras inéditas, escritas ou traduzidas para o português; que tenham relevância para a cultura pernambucana, nordestina e brasileira, nos seguintes campos do conhecimento humano: científico, técnico, literário e artístico.
2. Para obter a aprovação com vistas à publicação pela CEPE, as obras devem preencher os seguintes requisitos de qualidade:
  - De estilo (correção, clareza, coerência, rigor, coesão e propriedade).
  - De conteúdo (nível apropriado de aprofundamento dos temas, evidência de pesquisa e reflexão, consistência de argumentação e elaboração, originalidade da abordagem).
3. O Conselho Editorial não analisa:
  - Originais incompletos, em progresso ou ainda sujeitos à correção do autor.
  - Livros individuais ou coletivos na condição de projeto. Os textos devem ser entregues com o seu conteúdo pronto, acabado, sem acréscimos nem rasuras.
4. Serão imediatamente desconsiderados e rejeitados originais que atentem contra as declarações de direitos humanos e congêneres, as leis e os dispositivos morais e éticos, nomeadamente os casos de:
  - Violação dos direitos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais;
  - Que fomentem ou mostrem simpatia pela violência e desrespeito a crianças, idosos, bem como os preconceitos de raça, religião, gênero etc.
5. O Conselho não recebe dissertações ou teses em estado bruto (devem ser feitas as reformulações necessárias de modo a reduzir o excesso de tecnicismos típicos do trabalho acadêmico).
6. As obras, inclusive as coletivas, devem estar corretamente padronizadas e revisadas, de modo a permitir a leitura crítica e análise final da obra.
7. O autor deve enviar à CEPE cópia impressa dos originais em quatro vias.
8. Não são recebidos originais em CD, disquete, e-mail ou qualquer outro formato eletrônico.
9. O comprovante de envio dos originais pelos Correios (AR – Aviso de Recebimento) valerá como protocolo de entrega.
10. Em caso de entrega dos originais na sede da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, o portador deverá se dirigir à secretaria da Presidência, onde assinará o protocolo.
11. Todos os originais são de responsabilidade exclusiva do autor. O Conselho não se ocupa de eventuais perdas ou danos no trajeto de encaminhamento nem devolve os originais recebidos.

Companhia Editora de Pernambuco  
Rua Coelho Leite, 530 – CEP: 50100-140  
Santo Amaro – Recife – PE.  
Informações adicionais pelo telefone:  
(81) 3183-2708



ESTADO DE PERNAMBUCO

PEDRO MELO



navio passa por uma espécie de metáfora: o tempo se movendo e no movimento a manifestação dos sentimentos, e no tempo o desprezo pela matéria embora ela exista. É a mãe quem carrega a tensão narrativa, mesmo ausente do texto naquele navio – se dá o deslocamento radical do tempo. Não do tempo cronológico, mas do tempo psicológico, volto a repetir: o tempo da ansiedade da mãe, que sequer está nas cenas anteriores. Mas ele entra no salão, sem nenhum sinal aparente de preocupação, e ela pergunta:

“E então?”

A resposta do narrador e não do personagem:

“O velho recebera-o com toda a cordialidade, mas sem revelar as intenções. A senhora suspirou”.

Percebemos, então, que o espaço se alterou completamente, mas o tempo psicológico continua. Isto é, continua desde a leve informação do objetivo da viagem para a densidade dramática do problema familiar que permaneceu como se o tempo não passasse. Da forma mais leve possível.

Então podemos dizer que houve uma mudança no espaço – Paris, navio, salão –, houve uma mudança no tempo cronológico – o tempo da visita ao tio e da viagem –, mas nenhuma alteração no tempo psicológico, tratado com habilidade de pano de fundo. De passado, embora com futuro e com sempre. Assim? Invertido? Assim mesmo. Percebam bem: a preocupação da mãe está mesmo antes de começar a narrativa, continua no navio, até chegar numa das cenas finais do primeiro capítulo.

### CURSOS

#### Sesc Santa Rita promove oficinas e cursos de literatura

O Sesc Santa Rita (Cais de Santa Rita, 156, São José, Recife) está promovendo o Laboratório de Autoria Ascenso Ferreira, destinado a jovens, adultos e público de terceira idade. Neste mês, haverá oficina de criação literária em cordel, por Meca Moreno; minicurso “A curta ficção angolana: O caso de José Luandino Vieira”, por Joelma Gomes dos Santos; e intervenções e performances a cargo de Adiel Luna e Miró. Informações 3224.7577.

### RESISTÊNCIA

#### Umberto Eco e Jean-Claude Carrière demonstram como o livro vai sobreviver às mídias eletrônicas

A pintura sobreviveu à fotografia, o teatro ao cinema e este à TV. O livro também vai sobreviver às mídias eletrônicas, pois a praticidade do objeto impresso continuará tendo sua importância. O que acontecerá é uma mudança na relação do leitor com a leitura, com perdas e ganhos. Em *Não contem com o fim dos livros*, o semiólogo Umberto Eco e o roteirista Jean-Claude Carrière analisam o assunto, tratando também da persistência

da burrice e da ignorância em todos os tempos. Não sabemos quantas obras-primas sumiram no tempo, enquanto cresce sempre o volume de títulos inúteis que afogam nas livrarias os poucos que valem a pena ser lidos. Outro ponto: não temos garantia de que Sófocles, Eurípedes e Ésquilo eram os melhores teatrólogos gregos. Aristóteles, ao falar das referências no assunto, não os cita, mas a outros, cujos textos se perderam.

## CAPA

PEDRO MELO SOBRE FOTOS DE HEUDES RÉGIS



# Para os espíritas, não existe sobrenatural

Médiuns desmitificam o processo de criação da literatura psicografada

Diogo Guedes

**Por volta dos 14 anos,** Frederico Menezes começou a perceber fenômenos estranhos. Quando sua família, de tradição espírita, o levava para os centros, ele sentia um cheiro incomum e, ao perguntar se mais alguém o estava sentindo, a resposta era negativa. Era uma espécie de fragrância floral. O adolescente não sabia ainda, mas esse era o primeiro sintoma do dom da mediunidade que ele viria a descobrir. Um dom que, segundo o espiritismo, todos nós temos.

Sim, em níveis diferentes, a religião considera que todos sofremos influências de espíritos. A sensação de uma presença espiritual invisível, a visão de uma mensagem durante o sono, cheiros, sons. “Mesmo sem perceber, você pode ter contato com espíritos. Algumas vezes, por exemplo,

temos pensamentos e sensações que não são nossas. Isso já é um tipo de mediunidade”, explica o autor espírita Carlos Pereira. Apesar de todos possuírem o dom, para ser um médium é preciso muito mais: além de seguir a doutrina e a disciplina religiosa, o estudo e a orientação de nomes mais experientes são fundamentais.

Dos milhares de lançamentos anuais da literatura espírita, grande parte envolve o tipo mais comum de mediunidade, a psicografia. O crescimento anual das vendas de obras, que já impressiona, deve ser ainda maior neste ano, graças à divulgação da religião em *Chico Xavier* o filme e em *Escrito nas estrelas*, mais uma novela a abordar a temática. Os fenômenos mediúnicos são um dos principais atrativos dos centros espíritas, e, mesmo que sejam encarados com curiosidade ou descrença, são vistos com extrema normalidade pelos seguidores da doutrina. *No espiritismo*, segundo Frederico Menezes, “*não existe o sobrenatural*”.

“Antes de psicografar, eu já havia encontrado com ele durante o sono e desenvolvido a proposta de fazer um trabalho”, explica Carlos Pereira. O espírito que o visitou em sonhos era o de ninguém menos que o do ex-arcebispo de Olinda e Recife Dom Hélder Câmara. O médium conta que a parceria já rendeu dois livros, *No coração de Deus* e *Novas utopias*, e gerou um blog ([www.domdapaz.blogspot.com](http://www.domdapaz.blogspot.com)).

Carlos cresceu em uma casa que seguia a religião espírita. Assim, logo que foi alfabetizado, passou a ler livros sobre o tema. “Até os 30 anos, no entanto, eu nunca tinha desenvolvido nenhuma habilidade mediúnica”, conta o psicógrafo, hoje com 44 anos. Nessa época, além do dom da psicografia, também passou a ter psicofonia, capacidade de permitir que um espírito discursasse por meio de sua voz.

Antes de estabelecer contato com Dom Hélder, Carlos conta que alguns de seus companheiros videntes – pessoas capazes de ver espíritos – perguntavam, durante palestras e sessões, o que o padre fazia ao lado dele. “E eu sei lá”, dizia o médium, “perguntem a ele”. “Na verdade, os espíritos procuram um médium pela afinidade”, explica Carlos.

Como não podia deixar de ser, psicografar uma figura tão importante para os católicos causaria polêmicas. “Dom Hélder me preparou para as críticas”, disse o médium, “mas confesso que não recebi muitas”. Como a prova de que não buscava ofender a Igreja Católica, ele destaca que, além de doar metade dos direitos do livro para o Instituto Dom Hélder Câmara (a outra metade foi para um centro espírita), dois autores ligados ao catolicismo, o teólogo Inácio Strieder e a historiadora Jordana Gonçalves Leão, assinam prefácios na obra.

Uma simples pesquisa na internet, no entanto, é capaz de revelar algumas reações. De fato, a quantidade de católicos que reclamam é pequena – talvez pelo fato da obra circular em ambientes espíritas –, mas eles apontam tratar-se de uma psicografia falsa. Há também ressalvas no meio espírita. Em fóruns, é possível ver seguidores da religião estranhando o fato de Dom Hélder ter se manifestado para um médium ainda inexperiente, sem trabalhos anteriores.

#### A CERIMÔNIA

Junto com outras pessoas, Frederico Menezes ocupa a cadeira. A sala tem as paredes limpas, e, excetuando-se a mesa e os assentos, não há mais nenhum móvel. Todos começam a se concentrar. Frederico pede a Deus para que tudo ocorra bem e que a sessão seja inspirada. Então, fica em completo silêncio e passa a se concentrar. Primeiro, ele sente uma energia tomando conta do seu corpo lentamente. É um bom sinal. Às vezes, o médium começa logo a ouvir uma voz ditando frases. Quando se aprofunda nesse estado, Frederico começa a sentir pequenos choques no braço, indicando que está pronto para começar a escrita. Em alguns segundos, sua mão começa a se movimentar sozinha. Pronto, é o que falta para o início da psicografia.

Foram dez livros escritos assim, além das três obras com pensamentos e palavras próprias. Aos 50 anos, Frederico Menezes é um médium respei-

tado, chamado constantemente para apresentar-se e lecionar cursos em outros estados – e com um público cativo. “Já fiz palestra até em um supermercado, chamado pelo dono. Na verdade, acho que só falta fazer discursos em cemitérios mesmo”, brinca.

A carreira de Frederico como médium começou há 29 anos. Junto com o perfume de flores que ele sentia nos centros espíritas, havia outros indicativos da sua capacidade de se comunicar com os mortos. “A primeira vez que eu vi um espírito foi quando minha mãe desencarnou”, conta.

A família de Frederico tem uma longa relação com a religião. Seus avós maternos criaram o primeiro centro espírita do Cabo de Santo Agostinho, o Amantes da Verdade. Perseguida por fanáticos católicos, a instituição passou a ser apedrejada e teve que fechar. Tanto Frederico como o pai herdaram a iniciativa de criar novos centros: os dois já fundaram três no Cabo e imediações.

“Meu primeiro contato com espiritismo foi aos 12 anos. Eu sempre acreditei em Deus, mas não entendia como um Deus bom havia criado algo tão ruim como o inferno”, explica Frederico. A obra que o conquistou foi *Nosso lar*, do espírito André Luiz – que depois assumiu ser o médico Carlos Chagas –, psicografada por Chico Xavier. “Ele falava da vida após a morte, sobre como os espíritos se organizam em sociedade a partir de cidades no mundo espiritual”.

## “Nós temos horários definidos para a psicografia, e os espíritos sabem disso”, explica o escritor Carlos Pereira

Aprofundando-se nos estudos, Frederico chegou ao *Livro dos espíritos*, de Allan Kardec. Considerada a espinha dorsal da doutrina, a obra é dividida em tópicos, com 1019 questões e suas respostas. “A primeira pergunta, ‘Que é Deus?’, me chamou logo a atenção. Não era uma forma antropomorfa de ver Deus”, diz o médium. “É uma obra profundamente dialética, baseando-se em réplicas e tréplicas dos espíritos caso as respostas deixassem alguma dúvida”, argumenta Frederico. O diferencial da doutrina, para ele, é o fato de basear-se em, não importa quão contraditória a expressão pareça, uma “fé racionalista”.

“Eu venho de uma estrutura familiar sólida, não iria me satisfazer com respostas bobas. O espiritismo me contentou tanto intelectualmente como acordou meu coração para a solidariedade”, ressalta. Para Frederico, é um fator importante que os espíritas tenham uma maior formação. “Eu vi recentemente uma pesquisa que dizia que os espíritas têm maior tempo de estudo e são os que mais compram livros em comparação com outras religiões”, aponta. Ainda segundo o médium, o espiritismo é aberto ao contato de pessoas de outras religiões que, por exemplo, queiram informações sobre um parente morto.

Mal escuta o nome de Zíbia Gasparetto, Carollyna Santos, que trabalha na Federação Espírita Pernambucana, logo corta: “Ela não é uma autora espírita”. A amargura de Carollyna se explica facilmente, pois, ao contrário de outros médiuns, Zíbia não abre mão dos direitos autorais das obras que psicografa.

Frederico Menezes não chega ao extremo de apontar como não espíritas os autores que não doam os lucros para uma entidade. “Cada médium, cada pessoa vai responder por suas ações”, relativiza, sem deixar de alertar: “Mas é um peri-

go. O mundo espiritual não vê isso bem”. Apesar de enxergar a psicografia como uma “parceria”, ele explica que quem leva a obra adiante é o espírito que dita, e, portanto, “dizer que ele é o autor é parte de uma relação de respeito, uma relação meio sagrada”.

Já Carlos Pereira é taxativo no seu papel: “Eu sou apenas o intermediário”. O psicógrafo considera que, nos trabalhos ditados por espíritos, tanto a linguagem como as ideias contidas na psicografia não lhe pertencem. “Eu tenho outro estilo de escrita, mais solto, mais leve. Se forem procurar exatamente o jeito como Dom Hélder escrevia, não vão encontrar. Até porque nesse ponto influencia a bagagem que o médium tem”, avisa.

Segundo Carlos, um ponto importante no processo de mediunidade é estabelecer pequenas regras para o contato. “Nós temos horários definidos para a psicografia, e os espíritos sabem disso”, conta Carlos, que, paralelamente às suas atividades espíritas, trabalha como administrador público. Em uma entrevista com Dom Hélder, psicografada pelo médium, o próprio padre teria revelado a dificuldade inicial para o contato, que foi superada com a escolha de horários e com as pesquisas de Carlos sobre a vida do ex-arcebispo.

Combinado o momento, escolhido um bom local, parte-se para sessão propriamente dita. Os dois autores descrevem da mesma forma a sensação no momento da psicografia: agradável. “É um estado alterado de consciência, algo parecido com uma incorporação”, descreve Frederico, acrescentando: “É como se minha percepção fosse dilatada”. Em geral, o médium não tem experiências muito ruins com almas mais perturbadas: “No caso de espíritos sofrendores, pode-se sentir um pouco o clima desagradável. Mas, mesmo nessas situações, ficamos felizes em ajudar as almas angustiadas”.

#### OLHAR ACADÊMICO

O professor da pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, Alfredo Cordiviola, explica que o próprio Kardec comparava o trabalho de um médium mecânico – um tipo raro, caso de Chico Xavier, que dizia não se lembrar de nada que acontecia em uma sessão – ao de uma máquina de escrever. Em outros tipos, quando há consciência durante a psicografia, como acontece com Frederico e Carlos, o médium seria uma espécie de “tradutor simultâneo”.

Estudioso da relação entre literatura e possessão, Cordiviola, no entanto, prefere ter cuidado ao relacionar o termo à prática dos médiuns. Segundo o professor, Kardec preferiu evitar o uso do termo por entender, primeiro, que não existem espíritos completamente maus, como se pode dar a entender, e, segundo, porque ele seria um sinônimo de subjugação, o que não acontece no espiritismo. No caso, ele vê que o conceito se encaixa na religião a partir de um sentido diferente, significando “estar ocupado por”, como as descrições de Frederico apontam. Assim, sob esse ponto de vista, é possível ver na escrita psicográfica traços de possessão literária.

“Escrever sob possessão supõe ampliar as fronteiras do verossímil, e até as fronteiras da própria noção de literatura e dos modos de ler a literatura”, define o pesquisador. Para ele, parte da literatura ocidental seguiu esse caminho – principalmente por meio de drogas que alteram o estado de consciência –, e cita nomes como Aldous Huxley e Allen Ginsberg.

Cordiviola crê, no entanto, que a academia não tem atentado para a relação entre a possessão literária e a psicografia espírita. Para ele, a comparação entre a escrita de um autor em vida e a psicografia por meio de um médium “poderia ser pensada a partir dos mitos românticos da inspiração, da voz interior”, por exemplo. Apesar disso, admite que a escrita religiosa é quase indissociável da ideia de uma escrita sob efeito de transe ou possessão: “Todas as religiões apontam a legitimação de suas revelações e verdades a partir de um certo grau de iluminação concedida por instâncias elevadas”. “Isso seria o que torna sagrados determinados livros ou ensinamentos, a presença de uma voz superior que se manifesta direta ou indiretamente na letra e no sentido”, sugere.

## CAPA

# A matéria de que é feita Zibia Gasparetto

De como os seus chamados  
espirituais formaram um  
grande império editorial

Daniela Arrais

**Da primeira vez,** era uma madrugada na década de 1940, e a jovem de vinte e poucos anos levantou-se da cama, com passos firmes, e começou a proferir frases em alemão, idioma que desconhecia por completo. Seu marido, assustado, ficou imóvel, sem saber o que fazer – até o momento em que resolveu pedir ajuda. Foi uma vizinha quem esclareceu – sua esposa estava recebendo um espírito. Os moradores daquela casa no interior de São Paulo não ficaram com os cabelos em pé nem sentiram suas pernas tremerem. Pelo contrário: encararam a mensagem do além como sinal de que, a partir daquele momento, tudo iria mudar. Já pressentiam que, do susto de uma madrugada, viria a consagração de uma vida inteira. A moça em questão era Zibia Gasparetto, a médium mais famosa do Brasil.

O chamado daquela noite serviu como ponto de partida para uma vida – espiritual e material – de muito sucesso. Aos 83 anos, Zibia Gasparetto é um fenômeno editorial. Já publicou mais de 30 livros, entre romances, narrativas psicografadas e “obras de sua própria concepção”, como costuma dizer. É figura constante em listas de livros mais vendidos – chegou ao recorde de emplacar quatro títulos simultaneamente –, tem um programa de aconselhamento espiritual no rádio, assina colunas em revistas e é proprietária de um império, a Vida & Consciência, que reúne gráfica, editora, web-site, cursos e loja virtual. No início da década, o conglomerado tinha faturamento estimado em R\$ 11 milhões – hoje, não divulga mais seus números.

A Vida & Consciência é a maior editora de livros espíritas do país e publica autores como Mônica de Castro e Marcelo Cezar. Os títulos lançados têm como objetivo “a divulgação da espiritualidade e seus valores éticos; o estudo científico e prático dos fenômenos da mediunidade; a intervenção dos espíritos e seu relacionamento com as pessoas encarnadas e as consequências que todos esses elementos representam no cotidiano.”

Mas não há dúvidas de que são os livros de Zibia que impulsionam os números surpreendentes: mais de 10 milhões de exemplares já foram vendidos, conquistando um público de 50 milhões de leitores. As obras ganharam tradução e foram publicadas em Portugal, na Colômbia, na Espanha e no Japão. Títulos como *Laços eternos* e *Ninguém é de ninguém* foram adaptados para o teatro, levando as palavras da autora para um público ainda maior.

Tamanho sucesso Zibia atribui não a si mesma, mas ao seu mentor: o espírito Lucius, que a acompanha desde a década de 1950, quando estreou com o romance *O amor venceu*. Em vidas passadas, Lucius teria feito parte do parlamento inglês e sido juiz de direito na França. Nas palavras da médium, ele é “um espírito amigo que tem muita facilidade de me transmitir o seu pensamento por telepatia. Talvez nem todas as histórias sejam suas, pois às vezes noto mudança de estilo. Mas é por meio dele que elas chegam”.

No começo da carreira, Zibia sucumbia à vontade de Lucius a qualquer hora do dia ou da noite. Não havia rotina. Hoje, ela tem horário certo para receber as mensagens tão cheias de firulas e adjetivos que o espírito dita (exemplo: “A tarde ia em meio e o sol estava alto, penetrando alegre pelos reposteiros do gabinete povoando-o de luz e sombras, fazendo refulgir os metais dos candelabros ou esmaecer o colorido dos quadros de parede” – trecho de *Laços eternos*). “Atualmente psicografo três livros, um a cada dia da semana. Eu sento, coloco uma música suave, leio a última frase e os espíritos vão ditando. Aí, é só escrever. Pode-se dizer que sou uma secretária. Eu não sei o que vai acontecer na história, nem como vai acabar. Às vezes, penso que seguirá por um caminho e segue por outro”, escreveu em seu blog.

A autora é um mero instrumento para a vontade de quem já passou desta vida para outra supostamente melhor. “No transe, fico consciente e posso parar de escrever se quiser, mas não escuto bater na porta, por exemplo. Fico literalmente dentro da história, vejo algumas cenas como se estivessem desfilar na minha frente à medida que vou ouvindo. Às vezes, sinto o cheiro do lugar e a emoção dos personagens.”

A hora para a conexão com o outro mundo é marcada, mas não faz com que Zibia seja poupada de um grande esforço. “Os espíritos têm uma movi-

mentação celular muito rápida. Eles têm que baixar, eu tenho que me elevar e, mesmo assim, é muito rápido. Eu preciso escrever rápido, e, se perder algo ditado, também é muito difícil de voltar.” Como ela faz para lidar com tamanha velocidade? Usa o computador. “Sou da velha guarda da datilografia. Aos 14 anos, tirei diploma de datilógrafa. Então, escrever no computador agora é muito mais fácil e rápido. Inclusive porque o texto já sai pronto!” Quem pensaria que os espíritos fossem se beneficiar tanto da tecnologia...

### O COMEÇO

O chamado foi o ponto de partida para uma vida dedicada ao espiritismo. Zibia e seu marido, Aldo, começaram a estudar a doutrina de Allan Kardec na Federação Espírita de São Paulo – lá ministrou, por 25 anos, cursos na Escola de Médiuns. Quando Aldo faleceu, o mergulho no mundo dos que já partiram se aprofundou.

E foram os espíritos que “solicitaram a criação de um espaço editorial com a finalidade de divulgar a espiritualidade e seus valores”. Conselho específico demais, dizem os críticos. Mas vontade do além não se contesta, se satisfaz. E assim foi feito. Logo depois, ela recebeu outra indicação: “Compre uma gráfica e invista em divulgação”. Mais uma vez, desejo atendido. Assim foi criada a Vida & Consciência, negócio que também dá espaço para os filhos de Zibia, Luiz e Silvana. Ele se dedica aos conhecimentos da metafísica, enquanto ela busca ajudar crianças a lidarem melhor com seus medos e frustrações, “através do despertar da consciência”. Luiz também coordena um SPA urbano que oferece terapias alternativas e autoajuda.

*No começo, Zibia  
sucumbia à  
vontade do espírito  
Lucius a qualquer  
hora do dia ou da  
noite. Não havia  
uma rotina*

### AS CRÍTICAS

O sucesso que alcança com seus livros rende, além de dinheiro, controvérsia. Críticos acusam a autora de ter perdido a capacidade mediúnica e encaram o “materialismo” da médium com maus olhos. Afirmam que a autora deveria abrir mão dos direitos autorais de suas obras – ou seriam os direitos de um espírito? – para a caridade, seguindo o exemplo de outro blockbuster do gênero, Chico Xavier.

Na internet, uma indignada Sonia M. O. Varasquim assina um texto intitulado *Uma fraude chamada Zibia Gasparetto*. “Com todo o respeito aos leitores da autora, é mais do que vidente (sic) que seus escritos são fraudulentos. Tive o desprazer de ler quase toda sua obra, buscando uma fagulha de veracidade em suas histórias, mas, infelizmente, não é preciso ter grandes conhecimentos da doutrina espírita para detectar que seus romances são utópicos. Encontrei algum fundamento em sua primeira psicografia, mas, a partir daí, o que se viu foi uma ambição sem medidas para emplacar um best-seller atrás do outro. É com muita tristeza que vemos dia após dia este tipo de coisa acontecer, gente sem o menor preparo, usando a fé alheia para engordar seus cofres, e o mais absurdo é que conseguem, vejam a própria Zibia, que tudo que escreve vira ouro. Infelizmente não temos nenhum órgão capacitado para fiscalizar, inibir e até mesmo punir este tipo de fraude”, desabafa.

Paulo Henrique Wedderhoof, colaborador da revista *Ser Espírita*, professor de teologia espírita na Falec (Faculdade Doutor Leocádio José Correia), de Curitiba, e membro da Sociedade Brasileira de



Estudos Espíritas já ouviu comentários desse tipo em relação à obra de Zibia Gasparetto. “O processo mediúnico é tão sutil que algumas pessoas não conseguem saber claramente se as ideias são suas ou de um espírito. Assim sendo, se a pessoa se afasta dos princípios espíritas, os bons espíritos deixarão de usá-la como veículo de disseminação das suas ideias. Por outro lado, se a pessoa tiver conteúdo pessoal, poderá continuar a produzir obras construtivas, sem que isso represente demérito perante a sua consciência. Na verdade, não nos cabe julgar”, analisa.

“Quem poderá avaliar isso com toda certeza é a própria autora no momento do seu balanço pós-desencarne, pelo qual todos passamos na chamada autoavaliação junto a instrutores superiores. Fora isso há que se notar que o sucesso gera ciúmes e isto também é humano. Por isso é importante lembrar que a verdade e os méritos estão ligados à intenção do agente e não no julgamento dos observadores externos”, acrescenta. Wedderhoof busca os ensinamentos dos consagrados e, pelo visto, incontestáveis, Chico Xavier e Allan Kardec, além das palavras de Leocádio José Correia, Antonio Grimm e Marina Fidélis. “Nesses livros sempre encontrei grandes esclarecimentos espíritas. Sugiro também que a pessoa não leia só livros espíritas. É muito importante mesclar com livros sobre a história da filosofia, da ciência, das religiões e da história da civilização.”

Mas Zibia não se intimida. “O que eu faço é subliteratura, para os intelectuais. Mas o público sabe melhor das coisas”, já disse em entrevista.

#### OS NÚMEROS

Os números desviam a alfinetada de Zibia do centro das atenções. Levantamento mais recente feito pela Câmara Brasileira do Livro, em 2008, aponta que o mercado de livros religiosos foi o sub-segmento que mais cresceu em faturamento (13,54%) e em número de exemplares (15,75%). “Isso significa R\$ 321,2 milhões nas vendas de 50,2 milhões de exemplares, com preço médio de R\$ 6,39 por exemplar”, afirma a CBL. Outro levantamento, de 2003, mostra que 6 milhões de exemplares espíritas são publicados ao ano, e que o mercado contava, na data, com mais de 200 editoras dedicadas ao assunto.

“É difícil dizer o que sai mais, porque tudo dela vende muito rápido”, diz Jairo Roberto da Silva, 55, dono do sebo Multiverso, em Pinheiros, São Paulo. “Hoje mesmo atendi uma moça que queria vários livros dela. Os de Chico Xavier e os de Allan Kardec também são muito procurados”, afirma, acrescentando Mônica Castro à lista. A curiosidade dos clientes pelo espiritismo, no entanto, não aguça a do próprio. “Eu não gosto desse tipo de livro. Até já trabalhei com uma senhora que era muito voltada ao espiritismo, mas como minha esposa é testemunha de Jeová, fica difícil. Não dá para ela ler, senão fica doida. Então prefiro livros de autoajuda, a Bíblia”, diz.

Mas é nos leitores fiéis que Zibia encontra sua melhor defesa. “Acho que cada um tem direito de ter sua opinião. Os livros sempre me ajudaram muito. Então, se ela lucra ou não com isso, não me importa. O que importa pra mim é a ajuda que ela me dá e, com certeza, enquanto ela escrever continuarei comprando as obras”, afirma a microempresária Gláucia Ferreira, 31.

#### OS LEITORES

Gláucia ouviu falar da autora quando começou a frequentar reuniões espíritas. Desde então, é assídua na biblioteca do centro e busca seguir os ensinamentos escritos em livros como *Sem medo de viver*, *Esmeralda*, *Vencendo o passado*, *Tudo tem seu preço*, *Pelas portas do coração*, *Quando chega a hora* e *A verdade de cada um*. “Os livros de Zibia me ajudam muito, pois parece que surgem sempre no momento certo, em que mais preciso. Como não acredito que nada é por acaso, sempre acabo levando algo especial das leituras para a minha vida”, afirma.

A microempresária endossa o coro de leitores que buscam nas leituras dos livros de Zibia Gasparetto respostas para acalmar a mente e o coração, alternativas para seguir em frente depois de perdas ou mudanças bruscas de vida.

E foi graças a *Ninguém é de ninguém*, um dos maiores sucessos da autora, que a educadora social Cynthia

PEDRO MELO SOBRE FOTOS DE HEUDES RÉGIS



## CAPA

HEUDES RÉGIS



Clause, 29, conseguiu encontrar a tal paz de espírito. Ela estava próxima dos 20 anos e se relacionava há cinco anos com um rapaz. “Tínhamos um amor imaturo. Eu colocava nele um pouco da minha responsabilidade de ser feliz. Chegamos a acabar algumas vezes, e o livro me ajudou a me entender melhor”, lembra.

Ela conta uma história de como as palavras psicografadas por Zibia tiveram influência direta em sua vida. “Na terceira vez que eu e ele acabamos, ele voltou para sua cidade natal. Eu segui em frente, aproveitei algumas coisas que ainda não tinha feito porque namorava, como passar um Carnaval solteira em Olinda. O fato é que acabamos, senti muito, mas logo fui fazer um novo curso, entrei na academia para distrair a mente e logo estava perdidamente apaixonada por outra pessoa. Namoramos um tempo, mas não seguimos adiante. Seis meses depois, quem ressurgiu das cinzas?

Meu maridinho. Rodamos, rodamos e acabamos voltando”, relembra, como uma protagonista de um romance cheio de idas e vindas, que parecem funcionar como uma grande provação.

“Engraçada a vida. Talvez, se eu tivesse sempre pensando nele, não teria sido feliz e talvez nem juntos estivéssemos hoje. Aprendi mesmo que ninguém é de ninguém. Estamos juntos hoje, e o fato de estarmos ou não juntos amanhã não importa. O importante é fechar o ciclo na hora certa para não criar traumas”, aconselha Cynthia, grata até hoje por levar para a prática os ensinamentos de Zibia, Lucius e todos aqueles que já passaram desta para melhor, mas que continuam tendo um trabalho enorme para ditar conselhos extensos e detalhados para as vidas dos que aqui permanecem.

Danila Arrais é jornalista

## Artigo

## Possessão? De quem?

**Nunca vi uma discussão** tão longa e tão inútil. Inspiração não existe. Nem possessão. Pronto. Não é o caso de violência ou de palavra forte, mas de uma constatação óbvia, clara, objetiva. Podemos recorrer a Nietzsche – seria ele uma espécie de possesso, pela virulência do seu discurso antirreligioso? –, por exemplo, ou ao nosso Osman Lins, eles falam com a maior clareza a respeito do tema. Osman chega a dizer que nunca viu ninguém ter inspiração para escrever uma sinfonia. Está se referindo, é claro, a pessoas comuns. O filósofo alemão acrescenta que “todos os grandes foram trabalhadores, incansáveis não apenas no inventar, mas também no rejeitar, remodelar e ordenar”. Ou seja, o artista é um artesão – até pelo óbvio da palavra – e não um copista.

Há essa ideia da possessão, aquele ser que é tomado por uma entidade para escrever, gritar, enlouquecer. O próprio Dostoiévski prejudicou os seus personagens revolucionários chamando-os de possessos, celerados, loucos, que sugeriam as mudanças radicais da sociedade através do suicídio. Então, é preciso refletir sobre os possessos, nesse nível satânico, e noutros possessos – aqueles seres que incorporam entidades para qualquer ação, inclusive literária. E não só porque recebem espíritos nomeados – com o nome de escritores famosos, por exemplo –, mas também porque se sentem assim quando estão criando – tomados pelo sobrenatural.

Podemos citar casos possíveis de possessão ou de evidente fulgor artístico: Keats diz que sonhou a noite inteira com um poema e acordou para escrevê-lo. Escreveu os primeiros versos, mas a mulher chamou por ele na hora exata da criação. Ou da cópia? O poema foi embora e nunca mais voltou. O mineiro Autran Dourado confessa que escreveu *Uma vida em segredo* depois de um sonho, quando a personagem Biela apareceu no seu quarto e contou a história. O beat Allen Ginsberg afirma que durante um sonho William Carlos Williams lhe ditou um poema inteiro, com todos os ritmos, andamentos, movimentos, que ele aproveitou e escreveu no dia seguinte, sem a menor cerimônia. Seriam casos de revelação espiritual ou inspiração? Casos, digamos, de possessão? Sonhos, são apenas sonhos, expulsos pelo inconsciente enquanto os poetas dormiam.

Tenho o maior respeito pelos espíritos e creio na sinceridade de sua crença. Sem dúvida. Na maioria, são pessoas de grande caráter e comportamento. E o que mais me agrada nelas é a humildade – essa humildade, sim, que tanto faz falta aos homens. Assim como creio no Dom do Espírito. Ou nos dons. Mas todos recebem os dons. Somos todos filhos espirituais de Deus. E isso não tem nada a ver com a inspiração, sobretudo nos moldes que nos colocam. Vejam bem: os escritores sonharam e escreveram. Por quê? Porque eram escritores, têm o inconsciente povoado de histórias, sons, ritmos – matéria-prima de qualquer criador literário. Estranho é se sonhassem e escrevessem sinfonias, óperas, valsas. E a gente fala em valsa como se fosse uma coisa comum e fácil.

No novo milênio, em que a psicanálise é discutida até em mesa de bar, com livros populares para estudo, compreensão e entendimento – embora eu só acredite em psicanalista com formação –, não faz o menor sentido falar em inspiração. O inconsciente reúne todas as informações necessárias e, de acordo com a nossa capacidade de pensar, reagir e criar, ajuda a trabalhar a matéria com aquilo que Thomas Mann chamou de eclosão ou de inspiração adquirida. Não é bom isso? Inspiração adquirida. Sem possessão, sim, senhor.

(Raimundo Carrero)

## RESENHA

# Carta para selar antigos e novos afetos

Escritor envia missiva sobre a edição especial do IMS para *Alguma poesia*

Cristhiano Aguiar

Recife, 18 de maio de 2010

Caro poeta Carlos Drummond,

Recebi com atraso de 80 anos o seu livro de poemas. Sim, eu já tinha lido antes o seu livro de estreia, *Alguma poesia*, que você publicou, com 27 anos, em 1930. Mas nunca tinha lido, até hoje, a edição original, de 1930! Na verdade, atualmente ainda é impossível ler o *Alguma poesia* “original”, por mais que as edições do século 21 sejam fiéis ao texto. Por quê? É simples: nós não estávamos lá. No meu caso, sequer tinha nascido. O livro *Alguma poesia* que eu e seus leitores do século 21, Drummond, lemos, é um livro com uma carreira que já contabiliza 80 anos. Mas como será que foi ler sua obra de estreia quando ela era... Poesia contemporânea e não um clássico, como é hoje? Posso dizer que agora é possível chegar perto, graças à primorosa – você também a acharia bonita, embora talvez se embaraçasse com o luxo – edição que o Instituto Moreira Salles acaba de publicar. Entitulada *Alguma poesia: o livro em seu tempo*, foi organizada pelo poeta Eucanaã Ferraz e contém, além da edição fac-similada do exemplar de *Alguma poesia* que pertenceu a você, um ensaio introdutório do organizador, assim como cartas de amigos acusando o recebimento, da mesma forma que faço agora, do livro.

Amigos tais como Murilo Mendes, Augusto Frederico Schmidt, Alcântara Machado, Câmara Cascudo e Mário de Andrade. Completando a edição, temos uma série de críticas e resenhas, a maioria favoráveis, outras nem tanto, publicadas nos jornais da época, no calor da hora em que *Alguma poesia* foi publicado. É bom lembrar que naquele mesmo 1930, saíam, junto com *Alguma poesia*, outros livros fundamentais que continuavam a trilha aberta pelo primeiro momento modernista: *Libertinagem*, de Manuel Bandeira, e *Poemas*, de Murilo Mendes. Era o ano, também, da renovação na prosa que acontecia com o romance de 30.

Descobri uma série de fatos sobre seu livro que não conhecia. Primeiro, o quanto teu amigo Mário de Andrade foi importante no início da sua carreira, lendo os poemas em primeira mão, dando pitacos. Você estava completamente inteirado do debate modernista, se correspondendo também com Manuel Bandeira (e aderindo à birra que Mário tinha criado com Oswald, por causa do rompimento dos dois). Também não sabia que o título original da sua estreia seria *Minha terra tem palmeiras* – Mário adorou esse título, mas depois achou que a mudança para *Alguma poesia* foi mais feliz: “Poemas de interesse imediatamente brasileiro estão em moda positivamente. Estão em moda até demais”. Da conversa epistolar, pude perceber o quanto você e Mário se preocupavam com o excesso de nacionalismo e com o fato de que as

conquistas do modernismo começavam a se tornar a regra, o lugar comum, criando poéticas diluídas nos saraus e academias literárias em todos os cantos do país. Gostaria de te informar que, graças justo à sua geração, que contribuiu para que o campo de ação da poesia se ampliasse, os poetas de hoje não tem mais “inimigos” poéticos, contudo alguns ainda continuam repetindo os mesmos mitos e procedimentos da época do modernismo, achando que literatura se faz com piruetas e piadas engraçadas. É a grande ressalva que Mário te fez: “Onde a inteligência prejudicou você e mais desfigurou você foi em provocar os poemas-piada (...) o poema-piada, o poema-coquetel é um dos maiores defeitos a que levaram a poesia brasileira”. Discordo um pouco do teu amigo no caso da avaliação crítica: se há um lugar no qual é possível um poeta aprender o bom humor inteligente, este lugar é *Alguma poesia*.

Outra curiosidade: o seu famoso *Poema de sete faces* – “Quando eu nasci, um anjo torto/desses que vivem na sombra/ falou: Vai, Carlos! Ser gauche na vida” – foi publicado, antes de sair em livro, no jornal *Diário de Minas* em 25 de dezembro de 1928, sob o pseudônimo de Carlos Alberto. Nunca tinha pensado no começo do poema como uma paródia natalina. Descobri também que alguns críticos ainda resistiam ao modernismo: “a escola era uma reação um pouco extremada contra todos os nossos processos de fazer literatura (...) tínhamos a convicção de que dessa luta só poderiam sair vitoriosos os que tivessem, de fato, muito talento (...) Os que podiam triunfar, triunfaram, apesar da escola; e foram poucos”, diz Soares Faria. Não deixa de ser verdade: o melhor do modernismo aconteceu depois de 22, melhor até do que a produção poética de Mário e Oswald, e estava amadurecendo naquele ano.

Drummond, às vezes temos uma relação pouco saudável com o passado, porque a força das nossas tradições e da nossa história nos deixa medusados. Reencontrar uma imagem aproximada do que significou *Alguma poesia* em 30, contudo, significa resgatar o que há de melhor na memória, na história e no registro do que deixaram os nossos antepassados: a possibilidade de transformar a voz dos antigos na nossa. Há um teórico alemão, chamado Jauss, que compara o texto literário a uma partitura, que é cantada de uma maneira diferente a cada tempo e a cada geração. Esta carta que te escrevo quer reconciliar meu afeto e teus versos; ela faz parte da memória dos homens e do duro e vasto mundo.

Aqui fica às suas ordens.

Cristhiano Aguiar é mestre em teoria literária, escritor e crítico

PEDRO MELO



## PERFIL

# E da poesia de Lenilde Freitas fez-se a luz

A poeta revela detalhes do criacionismo que move a sua nova coletânea

Luís Fernando Moura



MAÍRA GAMARRA



**E Eva se refez à semelhança de Adão**, transcribando a imperfeição humana. Quando leu *Esboço de uma serpente*, de Paul Valéry, Lenilde Freitas resolveu reescrever a ordem mitológica do criacionismo sob olhar de um outro Deus, mulher. “Aquilo era muito machista!”, incomodou-se. Veio então *Esboço de Eva*, livro publicado pela poeta em 1987, uma resposta algo feminista a Valéry, que dava pernas próprias ao paradeiro sentimental da primeira esposa cristã. “Colocam a culpa de tudo em Eva, como se a mulher fosse a grande culpada da história. Se Eva foi feita à semelhança de Adão, herdou também os defeitos”. Esforço reformista às avessas, justificado no acolhimento, e não no combate. “É o amor que torna as pessoas semelhantes, e Eva se assemelha a Adão por amá-lo”.

Ao lançar *A corça no campo*, coletânea poética que retoma excertos dos seus sete livros, Lenilde reafirma-se como devir de sua própria Eva, casada com a poíeses do mundo e feita à semelhança dela. A escritora decalca idiosincrasias do ambiente que a cerca, porque é na natureza que foi lançada, e só nela se reconhece. Rouba para si a autoria dos garranchos da vida para transcrever paisagens do desejo e da memória, tal como se o tempo fosse um galpão carregado de quinquilharias. Reconhece o que é familiar e acolhe o desconhecido no terraço que descamba em seu travesseiro.

Em *Depoimento*, a poeta se agarra à lonjura do caminho: “O que mais me prende ao mundo/é essa miragem de espuma/que me cerca com a linha do horizonte./É que a confundo com a vida/do outro lado da ponte”. Em *Objetos*, transforma o colo em residência: “Na intimidade/mais horizontal/das vísceras da vida,/sinto os objetos que se foram:/as cadeiras que agora repousam em mim/, as camas

que ainda em mim dormem,/ as casas que moram/na rua sombria que sou/e que passeia em si mesma/no tempo que vai e volta”. Então sai de si mesma e, em *Momentos*, analisa o espelho, escrevê das linhas da mão: “A poesia se aproxima/marca sua presença./Ou sempre esteve aqui/ como sinal de nascença?”

O apartamento antigo e espaçoso em Boa Viagem é porto seguro de brinquedo, feito para que recortes do tempo não lhe escapem às mãos. Lenilde entende a violência do *Esquecimento*: “O nada não deita sombra”, prosa o verso. Na sala de entrada, a Eva poeta reúne pegadas dos antepassados, objetos de um altar nostálgico à espera do esvanecimento. Lenilde desmonta um assento próximo ao janelão ao canto, madeira maciça ornamentada, diz ser uma antiga cadeira de praia. Mostra ainda um crucifixo encorpado, um espelho suntuoso, chaleira, saboneteira e até um grande penico ostentado na mesa de centro, feito em porcelana. “As pessoas não gostam de coisa velha, mas eu sei que meu tio se ajoelhava para rezar com esse crucifixo, minha avó se olhava naquele espelho. Tenho um amor por essas coisas, pois elas carregam história. É que nem a poesia”.

“A poesia vivifica a vida, é a seiva que corre na veia da vida. Pelo menos nos meus poemas, ela serve como testemunha da sua efemeridade”, Lenilde corre para definir. Neste impulso cartográfico do fazer poético, a escritora fotografa as horas, os dias, os anos, e o produto são retratos impressionistas. Em *Invernal*, “A chuva escorre/pela abismal face do dia./Ainda ontem/tranquilo o mar dormia/e o guarda-sol-azul-de-Deus/o recobria”. Na efeméride negra de *Luto*, o registro da passagem é o cenário colorido das estações: “Enquanto me



adapto a este novo mundo/igualmente vazio como está o teu/e abafo soluços neste velho gramado/agora mais frio agora mais breu./lembro-me que as estações sempre voltam/e que o sol real e eterno não é uma quimera./Olha: ainda sou toda inverno/e já renasces primavera”.

Poema que a escritora Luzilá Gonçalves gosta de lembrar, diz Lenilde, é também um exemplar de quando o projeto efêmero do tempo adquire a sinuosidade de paisagens, feitas de manhãs e tardes, flores e plantas, águas, animais, sol e lua, obsessões do seu olhar e da sua literatura. Como um *Passaio*: “Pesado é o tempo/sobre os ombros./A chuva indecisa/não modifica o outono/nem deixa expostas as raízes/esta noite./Adequar-me ao instante/soaria falso: há um atraso/de anos neste encaço”.

“A natureza sempre foi muito forte. Eu lembro que, quando eu era menina, sentava na varanda e passava horas olhando as nuvens, conversando com elas”, lembra a mesma (?) Lenilde de *Vestígios*: “As noites se sucedem/e os estilhaços/dos dias ficam sempre/no que somos”, diz um trecho. Nos anos de infância, a escritora morava em cenário ainda campestre em Campina Grande, onde começou a esmiuçar o olhar de poeta. A história do verso começou com o pai, elo divino para o mundo-Adão. Ele escrevia poemas “patrióticos”, recitados pela garota durante celebrações das grandes datas nacionais no Colégio das Damas da cidade, sua escola. “Eu achava aquilo uma coisa maravilhosa”.

Na adolescência, o trato ficou mais fino. Lenilde tornou-se, antes de tudo, uma leitora curiosa, ávida por prateleiras. “Comecei a ler o tempo todo, lia até comendo, e as pessoas diziam que eu ia ficar louca. Não era só poesia, era tudo, e na época era mais prosa”. A estudante passou a fuçar a fechadura da

biblioteca da casa, trancada pelo pai, que tinha medo de que abrisse os “livros proibidos”. Tratava-se de Eça de Queirós, exemplifica, ou qualquer pedagogia de moral inapropriada. “Meu pai escondia a chave e eu sempre ficava de olho, depois ia lá e abria a sala. Era Machado de Assis, a obra inteira. Érico Veríssimo, de *Clarissa* até o último. Quando perguntavam o que eu estava lendo, dizia que era coisa de colégio”.

Até que veio o primeiro texto, sequência espontânea da descoberta. Lenilde escreveu um poema e mostrou a uma colega, que o entregou à professora. “Ela me chamou e disse ‘venha cá, é muito feio você copiar uma poesia e dizer que é sua’. Fiquei terrivelmente culpada, mas hoje acho que não devia ser tão ruim assim”.

Foi na faculdade, já depois do casamento, que surgiu o impulso mais seguro, olhar externo que deu sinal da imensidão velada em suas rimas. O professor pediu que alunos organizassem uma lista de títulos já lidos, anexo também um poema de autoria dos estudantes mais aventureiros. “Pensei que, se listasse todos os livros que já tinha lido, ele não iria acreditar”. Mesmo assim, Lenilde logo resgatou os Machados, os Veríssimos, as crônicas que amava, mesmo sem ter assinado o papelote, “muito acanhada”. “Foi você que escreveu isso?”, questionou o professor. Ao passo em que a estudante confirmava, tímida, o mestre asseriu: “Você não escreve prosa, você escreve poesia”. Tinha dado à luz *Uma tarde de domingo*, frases que tateavam uma forma inacabada, a primeira costela.

Desde então, as tardes passaram a ser o instante sagrado perseguido em tantos poemas, o período certo da passagem eternizada por cada por do sol, instante predileto de Lenilde. “Gosto das cinco horas, cinco e meia”, diz, e entrega a crença

nas inspirações, ou o que chama de “sensação de poema”. “Costumo me inspirar, sim. Surge de uma palavra, de uma imagem”. Uma entrega alardeada por *Cercanias*, talento em ser mais artilheiro que o relógio: “Há um prazo certo/um tempo justo/para olhar este mundo/- de relance./Num abrir e fechar de olhos/vão-se as paisagens/cercanias e miragens/- última chance”.

Sem admitir atrasos, Lenilde dribla o peso das linhas do tempo e busca migalhas de si mundo afora, nômade ancorada no olhar. Até hoje viaja pelos interiores, onde resgata passagens de uma natureza pura, ecos infantis no exílio – recentemente, foi a São Lourenço de Minas, “a ante-sala do paraíso”. Passou tempos em São Paulo, onde publicou seus primeiros livros, circulou pela Europa. Morou na frieza de Madison, nos EUA, onde encontrou rastros. “Quando ameaça nevar, o céu de Madison fica claríssimo. Olhando pela janela, de repente me veio à mente um jambeiro”. Em *Jambeiro*, a poeta se reconhece fora de órbita: “Em terra estranha/eis que o tempo/reencontra essa paisagem/fixada em país nenhum/Sentemo-nos/- diz minha voz/no outrora com degraus/de pedra e de pombos/- o que nos torna cúmplices/é este mesmo azul que nos recobre”.

São versos que, muitas vezes, partem da saudade, diz Lenilde, escritos no confronto com fotos e registros triviais de viajante. Na coletânea, o retorno de Roma, Lisboa, Madrid, Frankfurt, Salerno se imiscui a tributos, poemas que partiram de outras rondas, feitas em linhas de papel misterio-

## A escritora entende bem o que é a violência do Esquecimento: “O nada não deita sombra”, prosa um dos seus versos

so. Lenilde escreve para Clarice Lispector, Emily Dickinson, Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade. Na Inglaterra, lembra, conheceu a casa onde Henry James morou, apaixonado por um lugar chamado Rye. Em *A Henry James*, o relato fugidio: “Desço os degraus do mês de abril/e sonolenta de primavera/contemplo os jardins de Rye:/nenhuma árvore é mais frondosa/que minha esperança”. Um dos poemas preferidos de Lygia Fagundes Telles, diz Lenilde.

De volta à sala de estar, a escritora tenta comprimir a vastidão numa história de estrofes, como uma corça que, diz, é alter ego de sua Eva em busca da poesia-lua, a Bíblia inteira. Acredita no verso como recurso para desestabilizar o cotidiano estéril, espera traduzida, talvez, em sua *Cartinha*: “A palavra está gasta/a forma demais usada:/escrevo então quase nada./Que a lembrança dos meus gestos/que a nitidez das letrinhas/façam com que possas ler/o que dizem as entrelinhas”.

Lenilde está confortável em seu castelo, segura de ser extensão do mundo – “O amor em mim/está maduro como um peixe./De tanta água repleto/ele não nada./Pesado cochila sob as pedras: completo.”, diz em *Aquário* – mas certa de que tudo é passagem, e o resto entrega – “Além da identidade do canto/nas horas serenas/o que mais me assemelha/a um pássaro/é este renovar de penas”, proclama em *Identidade*, admitindo reforma. Embora já tenha alardeado a incipiência amarga do que é deixado ao léu do passado, a poeta cultiva fé. “Tenho a impressão de que um dia meu nome vai ser esquecido, mas não a poesia”. Passado o instante colossal da criação, cada verso vira penico, espelho, cadeira de praia ou uma miragem de espuma. Vicissitudes do sétimo dia.

# História, ciência e atualidades em bons livros



**Assine.**  
Revista Continente.  
Conteúdo é tudo.  
**0800 081 1201**

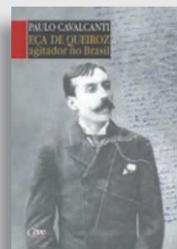
e-mail: [assinaturas@revistacontinente.com.br](mailto:assinaturas@revistacontinente.com.br)



**DICIONÁRIO COROGRÁFICO, HISTÓRICO E ESTATÍSTICO DE PERNAMBUCO**  
Sebastião de Vasconcellos Galvão

Publicados em 1908, 1910, 1922 e 1927, os volumes do *Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco*, de Sebastião de Vasconcellos Galvão, ganharam reedição sob a coordenação de Leonardo Dantas.

RS 150,00



**EÇA DE QUEIROZ - AGITADOR NO BRASIL**

Paulo Cavalcanti  
(edição em inglês e português)

*Eça de Queiroz, agitador no Brasil*, de Paulo Cavalcanti, é um livro que amplia a visão da última revolta em Goiana, província de Pernambuco, Brasil, ao examinar a maneira como os pernambucanos reagiram contra o arbítrio e o domínio português.

RS 30,00



**O GIRASSOL**  
Garibaldi Otávio

Garibaldi Otávio estreia na literatura com o livro *O girassol*, coletânea de textos de toda uma vida. Mauro Mota observava, já em 1950, que a poesia de Garibaldi Otávio tem "a imagística sem parentesco, o descritivo mas penetrante, tirando sangue do íntimo das coisas"

RS 40,00



**HISTÓRIA DA GUERRA DE PERNAMBUCO**

Diogo Lopes Santiago

É um testemunho pessoal de Diogo Lopes Santiago, que residia em Pernambuco à época da invasão holandesa e ao início da Insurreição Pernambucana, em crônicas e diários, resultando numa narrativa minuciosa.

RS 40,00



**DIÁRIO DE UM SOLDADO**

Ambrósio Richshoffer

**OLINDA CONQUISTADA**

Pe. João Baers

Coletânea sobre o período do Brasil holandês, apresenta as obras de Ambrósio Richshoffer e do Pe. João Baers. Duas visões de um mesmo momento histórico, descrevendo o dia a dia do domínio holandês no Brasil.

RS 30,00



**O VALEROSO LUCIDENO**

Frei Manoel Calado

Os dois volumes englobam uma extensa bibliografia sobre o Brasil holandês, e contém o testemunho do frei Manoel Calado do Salvador, um contemporâneo e participante da ocupação holandesa no Nordeste.

RS 25,00 (unid.)



**O CASO EU CONTO COMO O CASO FOI**  
Paulo Cavalcanti

Composta por quatro volumes, a obra, que tem como subtítulo geral *Memórias Políticas*, narra as experiências de Paulo Cavalcanti dentro do contexto sociopolítico que vai da Coluna Prestes ao fim da ditadura.

Caixa com 4 livros - RS 120,00

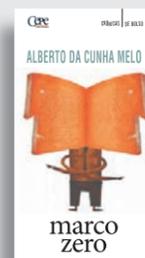


**DOM HELDER - CIRCULARES CONCILIARES E CIRCULARES INTERCONCILIARES**

Luís Carlos Luz Marques e Zildo Rocha (Org.)

Em cerca de 600 cartas, Dom Helder Camara expõe suas ideias e relata sua atuação nos bastidores do Concílio Vaticano II, que levou a Igreja latino-americana a assumir a opção pelos pobres e a tomar partido pela justiça social.

Caixa com 6 livros - RS 160,00



**MARCO ZERO**  
Alberto da Cunha Melo

O jornalista e poeta pernambucano Alberto da Cunha Melo assinou a coluna Marco Zero, na revista Continente, sobre questões culturais. Este livro é uma coletânea de seus melhores momentos.

RS 24,00

## LANÇAMENTOS RECENTES



**A NOITE SEM SOL**

Luiz Arraes

Em seu novo livro de narrativas, Luiz Arraes fala de seres urbanos solitários, às voltas com a violência e o sentimento de perda, e, também, em busca de um sentido para suas vidas. São contos curtos, duros e afiados, que deixam marcas na consciência do leitor.



**ESTÃO TODOS DORMINDO**

Edson Nery da Fonseca

*Estão todos dormindo* é uma coletânea de perfis de personalidades marcantes da cultura brasileira, nos quais Edson Nery da Fonseca mescla informações precisas com citações literárias e testemunho pessoal, numa prosa límpida, elegante e tão envolvente que transforma o leitor em cúmplice do que narra.



**DE RUAS E INTI-NERÁRIOS**  
Alexandre Furtado

*De ruas e inti-nerários* é o primeiro livro de Alexandre Furtado. A obra reúne poemas com um olhar sobre o Recife, num roteiro íntimo que liga a nostalgia do passado com os rumos às vezes amargos do presente, mas sempre demonstrando seu amor pela cidade.

**Cepe**  
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO 0800 081 1201 [livros@cepe.com.br](mailto:livros@cepe.com.br)

PEDRO MELO

Nathália Queiróz

Pela ordem certa das coisas não é bem essa a hora que te roubo a cintura antes de você abrir a porta e te derrubo porta, sofá, tapete. E a gente esquece a cortina, derrama a toalha da mesa, derruba pratos, copos, talheres, gelágu, geladeira, pia, derruba chuveiro, derrama água, corpo inteiro, abastece saliva. Nessa hora deveriam importar lustres, lâmpadas e luminárias, deveriam importar os porta-retratos no criado-mudo, os quadros ostentando bustos familiares, as janelas, os vizinhos. Não deveria haver lençol caindo, nem travesseiros, nem almofadas. Deveria, sim, haver ventilador, deveria importar televisão com boa programação, deveria haver petiscos, sucos e pernas cruzadas na sala de estar. Deveria haver terceiros. Sim, talvez se houvesse terceiros não estaríamos nem perto de tão perto.

Pela ordem certa das coisas não teria havido telefonema, carona, cerveja. Nem clima de garagem, elevador, escada, corredor, não haveria, de forma alguma, tua cintura antes da porta. Os pensamentos viriam antes dos braços, os olhos permaneceriam abertos, o vidro da mesinha de centro ainda estaria inteiro. Laptops distrairiam. Violão ocuparia a falta de assunto. Na verdade, violão sempre é um ótimo disfarce de intenções. Então que houvesse violão, pandeiro, piano de cauda, a Orquestra Municipal, a Mangueira e a Beija-flor. Que houvesse a parada gay, o carnaval inteiro na sua sala. E que também estivessem nos outros aposentos para que não houvesse jeito mesmo. Evidenciando a hora imprópria, inadequada, inapropriada, proibida, repelida, descreditada.

Mas tinha que haver silêncio? Tinha que ser domingo? Tinha eu que estar por perto e você sozinho, tão de boqueira, falando alto ao redor da mesa? Tinha que haver varanda e mensagem de celular e ligação e carona e cerveja com escada e elevador e essa, essa coisa de abrir a porta...? E esse apartamento tão vazio?

## A ordem certa das coisas

### SOBRE A AUTORA

Nathália Queiroz é diretora de arte. Publica textos em blogs desde 2005, alguns deles compilados no e-book *Colorida e outros seres*.



# A mala a mala a mala e a casa

03 DE MAIO DE 2010

Está imóvel. Com essa boca grande aberta. Do outro lado do quarto. Imponente. Sarcástica. Ela sabe que exerce sobre mim, desde sempre, um poder inexplicável. Ela determina um monte de coisa da minha personalidade. Dali, ela me olha de volta porque sabe que, como sempre, vai vencer.

Minha mala.

Eu passo semanas olhando para ela, antes de inventar qualquer motivo para enchê-la de novo e “ir ali”. A primeira vez que tivemos que nos entender foi em 1993. Mamãe tinha passado no mestrado e eu precisava ir junto. Uma mala preta, pouco infantil, foi já então preenchida com um monte de vontades de deixar aquela infância esquisita para trás. Acho que já era movida pela impressão de que um dia, em algum canto, eu ia encontrar isso que eu perdi e nem sei o que é. Eu tinha 10 anos e, sem nenhuma cerimônia, fiz minha malinha e fui com mamãe pra São Paulo.

Não tive problema nenhum de largar meus amigos da escola, de rua, do Espinheiro. Não senti saudade, não chorei... E, antes disso, lembro ainda da minha primeira viagem “sozinha”. Deve ter sido em 1987. Fui para a longínqua Caruaru, com vovó. Mamãe nos acompanhou até aquele terminal de ônibus antigo, que era ali no Cais de Santa Rita. Eu nem olhei pra trás, nem dei muito *xau*, nem chorei. Não era pra ir? Então eu fui.

Será que era por esse não-percencimento que, quando eu era criança, sempre que estava para sair dos cuidados da minha mãe, ela me dizia: “Não aceite convite para ir ‘ali’ nem pegue na mão de estranhos”?



PEDRO MELO

## SOBRE A AUTORA

Adelaide Ivanova é fotógrafa e escritora. Um dos seus textos fará parte da coletânea de novos cronistas que a Prefeitura do Recife lança este ano

Obedeci à risca, mamãe. Nunca vou "ali" com ninguém (sempre viajo sozinha) e só pego na mão de estranhos depois de me certificar que eles não são piscianos, geminianos, nem de Recife.

Desde faz-é-tempo eu queria pegar um avião que me levasse para algum lugar pacífico. O negócio que não entendia (e ainda não entendo, ou não aceito) é que, não importa quão longe eu vá, a única companhia que eu não quero ter sempre vai junto: eu.

E eu cansei de procurar motivos para isso, essa coisa fugidia, essa não-vontade de ficar. Esse cenário translúcido – rodoviárias, porções de embarque, um carro velho – é precariamente inserido como cromauqui fajuto, no meu filminho egolombrado em que interpreto o papel dos sonhos: Ninguém. E não é por falta de vontade de trabalhar, nem medo de pagar conta, de me envolver, de visitar a família, de limpar o cocô dos gatos, de renovar o Net Virtua.

É a completa des-vontade de ter que ficar explicando. Melhor dizendo: é a des-vontade de ter que tentar me entender porque precisarei me explicar.

#### 04 DE MAIO DE 2010

Estou de paletó xadrez de ombreira e um broche em formato de touro (Clarissa que me deu). Junto todos os clichês de um *road movie* pra convencer a mim mesma que levo a vida exatamente como quero, ou como eu sonho que ela seria retratada num filme.

São 2 da manhã e estou num aeroporto esperando a hora de embarcar. Estou indo para a Argentina, para a abertura da minha exposição em Bahía Blanca – mas a verdade é que eu nem precisaria ir, e nem precisaria ficar lá tanto tempo. Mas é assim que é e é assim eu sou: não basta ir pra montagem da exposição: eu quero pegar um ônibus, viajar dez horas, pegar bicho de pé, ir ao supermercado vagabundo, sentar num meio-fio e ver como o mundo existe.

Não fossem as tragédias, grandes e pequenas, talvez eu não fosse tão ambiciosa – no sentido de fazer minha vida interessante. Eu preciso inventar motivos para continuar existindo, já que a vida não me dá nenhum Motivo de Natal. O que eu diria de mim se tivesse 16 anos e fosse apresentada a mim mesma como estou, agora? Eu quero que a menina que eu fui aos 16 seja minha fã. Eu quero ser minha própria Courtney Love. E sim, meu namorado é loiro.

#### 10 DE MAIO DE 2010

Último dia na Argentina: acho que peguei sarna. Gastei mais do que devia com comida e bijuterias do século 19. E dormi mal em hospedarias cheias de imigrantes ilegais. Mesmo assim, minha completa incompetência para aceitar a realidade me impede de descrever essa viagem com um adjetivo minimalista – apelo logo para um “maravilhosa” e foi isso que ela foi.

Lição 1 (da inspiração) – Hoje, passeando por Caminito, vi uma estátua de Benito Quinquela Martín, que criou “La orden del tornillo” e que assim a descreveu: “Este parafuso vai evitar a perda desta loucura luminosa, da qual nos sentimos orgulhosos”. Loucura luminosa seria o quê, seu Benito? Na minha família chamam de destrambelhamento. Eu tenho

uma tia que saiu de casa aos 12 anos, foi pro Rio, mudou-se para a Alemanha, pegou um avião para a Califórnia e nunca mais voltou.

Ninguém sabe por onde ela anda. E daí? Todo mundo sabe por onde eu ando e nem por isso eu faço sentido.

Lição 2 (da expiração) – Cristina, uma das alunas do workshop que dei na galeria em que rolou a expo, me deu um livro chamado *Aventuras e desventuras de Casiporro del Hambre*. A passagem que mais me marcou foi a que o Quase-cachorro descreve sua angústia: “Nasci com fome. Uma fome que nem imaginam, uma vontade de tragar o mundo que nem te conto”.

Lição 3 (da auto-aceitação) – Não preciso de terapia, por ora. Preciso de musas, porque eu sou histórica e não tenho opinião própria. Ando lendo Raimundo Carrero (aí é diva) e as letras de Antônio Mestre, um dos letristas preferidos de Amália Rodrigues.

Mas ninguém bateu Christina, ainda, quando ela fala, no seu imbatível disco *Stripped*: “Finalmente estou fazendo as malas. E estou indo nessa, para mudar”. E eu, que já fiz e desfiz essa mala interior tantas vezes, fico ansiosa porque estou perdendo tempo com essa mania de ir mas sempre voltar – tem necessidade do retorno, se o destino eu já conheço?

Tô pirada, eu sei. É porque hoje, no Caminito, fiquei eufórica por constatar uma realidade e poder anunciá-la. Quando o vendedor de churros me perguntou “De donde eres?” eu, com o cigarro pinotando pra cima e pra baixo no canto da boca, procurando ao mesmo tempo o esqueiro, o dinheiro e o iPod, respondi:

“Não faço ideia”.



## RESENHAS

KARINA FREITAS



## Em São Paulo todos os cruzamentos levam até aqui

No romance *Alameda Santos*, Ivana Arruda Leite cria uma geografia emocional da cidade

Schneider Carpeggiani

A escritora Márcia Den-ser tem uma definição óti-ma sobre a geografia de São Paulo. Para ela, a cidade seria apenas uma infinita série de cruzamentos e/ou contínuos da Rua August-ta. Exagero? Perspectiva de uma mulher de olhar restrito? Antes de atirar a primeira pedra, pense bem: querer dar sentido a um mapa inteiro é desper-dício. Cidades, por mais de concreto que se apresen-tem, são metáforas, minas emocionais, zonas de con-flito limitadas por vivên-cias, encontros e perdas. Certas ruas importam, em outras nem se dê ao traba-lho de trafegar.

Ivana Arruda Leite fez do romance *Alameda Santos* a cartografia emocional de uma mulher de 30 e poucos anos envelhecen-do na cidade e tendo por companhia um estoque de salgadinhos e vinho tinto na geladeira. Sua São Paulo se equilibra na Alameda Santos do título, mas se

ramifica e ganha sentido pelos bares do *bas-fond* da República, ou naquele cruzamento da Ipiranga com a São João e se desloca pela espinha que é a Rua Augusta.

À solta por essas paisa-gens, a narradora registra numa fita cassete o que cada ano trouxe e/ou le-vou embora. Estamos na metade da década de 1980 de abertura política, do cli-chê de ilusões perdidas, de pós-desbunde e da Aids avançando como uma pra-ga bíblica. A cidade parece meio escura, meio sujinha, mas por isso mesmo que ela explode como material literário de primeira.

Somos apresentados à narradora com a experi-ência que importa ser con-tada já vivida pela metade. Ela não está só apaixonada por Eduardo, ela perdeu Eduardo. Quem é Eduar-do? Apenas mais um na geografia emocional de São Paulo, um outro e só – “Se eu soubesse que daqui a

um ano estaria dando risa-da disso tudo que eu tô fa-lando, do meu sofrimento, da merda de vida que eu tô levando, eu aguentaria numa boa. O problema é que eu não sou a mulher maravilha e não tenho pa-ciência pra esperar. E sei que daqui a um ano, dois, dez, eu vou estar igualzi-nha, vivendo neste mes-mo inferno, chorando por alguém que não me quer. Se não for o Eduardo, vai ser outra pessoa”. Ao lon-go do livro, esses e outros Eduardos desfilam neste romance de formação so-bre alguém que já deveria ter o espírito formado.

Este é o segundo roman-ce de Ivana Arruda Leite. O primeiro, *Hotel Novo Mundo*, já se esgueira pelos prê-mios literários deste ano. O legal é que, agora como ficcionista, ela soube le-var junto aquela voz de cronista, que conversava com o leitor pelo blog doi-divana.wordpress.com. O mundo que sua ficção nos

apresenta é simples e ba-nal – e por isso fácil de ser refletido e de nos fazer re-fletir. Em alguns momen-tos, *Alameda Santos* dá um nó na garganta: é quando nos perdemos por uma São Paulo que, por algumas pá-ginas, chegamos a acredi-tar ser também nossa.



ROMANCE

*Alameda Santos*

Autor: Ivana Arruda Leite

Editora: Iluminuras

Preço: R\$ 38,00

Páginas: 160

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

### RECOMENDAÇÃO

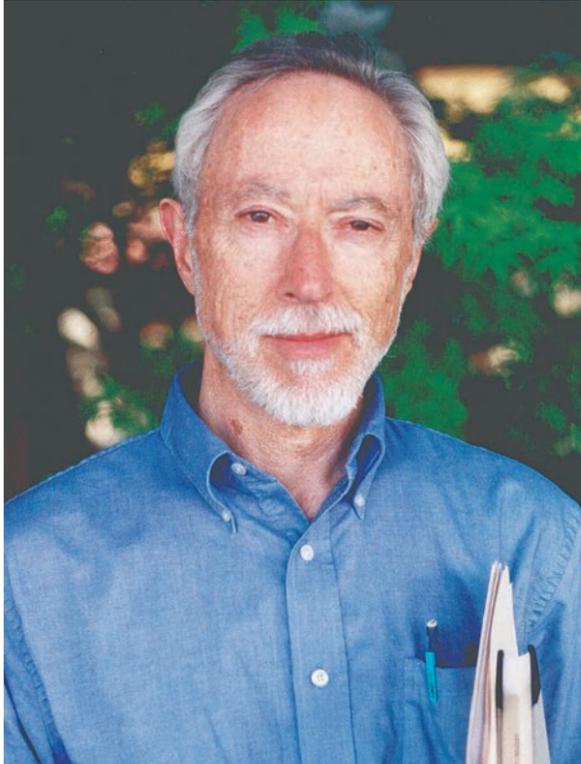
#### Escritores e ilustradores ganham prêmio especial da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ concedeu o selo de Altamente Recomendável de 2010 a 22 publicações. As Edições SM e a Cosac Naify arrebataram a maioria das indicações, somando 13 títulos. A novidade este ano foi a introdução da categoria Jovem Hors-Concours, criado para estimular novos escritores e ilustradores, e

concedido apenas a quem já conquistou três vezes o prêmio da Fundação. O vencedor foi o livro *Tempo de Voo*, do brasileiro Bartolomeu Campos de Queirós, ilustrado pelo espanhol Alfonso Ruano. A obra discute a passagem do tempo, em suas diversas dimensões, a partir de expressivos diálogos entre um menino e um velho, unindo poesia e reflexão filosófica.



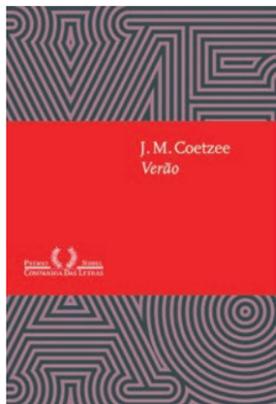
DIVULGAÇÃO



## Memórias inventadas

J.M. Coetzee precisou de algum tempo para conquistar o leitor brasileiro. Dono de uma prosa limpa e saudável, mesmo quando alcança ações dramáticas, ele foi chegando ao leitor médio brasileiro sem muito alarde e sem muitos elogios. Numa linguagem antiga: leve e faceiro. Aliás, nem quando ganhou o Prêmio Nobel mereceu loas e bravatas. Nem mesmo o seu livro sobre Dostoiévski provocou a crítica local. Disse que não disse e ficou por isso. A Cia. das Letras, porém, sempre acreditou no seu pulso. Faro. Esse é o fim da sua trilogia autobiográfica e traz possíveis revelações de um escritor sob as perspectivas de um biógrafo atônico, armado de gravador, caneta, papel, que mais se parece um repórter suarento. Vincent, o biógrafo, pode estar, ao mesmo tempo, enfocando o próprio Coetzee ou

inventando um Coetzee “afetivo, íntimo e humano”. O leitor vai encontrar um escritor correto que procura ajustar sua vida com muitas mulheres, até mesmo para provar à família que é um homem como qualquer outro. Na verdade um homem fascinante. **(Raimundo Carrero)**



ROMANCE

Verão

Autor - J.M. Coetzee

Editora - Cia das Letras

Preço - R\$ 44,00

Páginas - 280

PEDRO MELO SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO



## Um Japão ocidental

Às vezes as coisas funcionam assim: homens se envolvem com suas amantes e terminam reunidos num velho salão de uma velha e triste mercearia, onde é possível encontrar qualquer coisa. Coisas estragadas, inúteis... Mas de tal forma que o proprietário não aceita chamá-las de quinquilharias. É assim que acontece no romance de Hiromi Kawakami. Ninguém gosta de ser uma “pessoa de quinquilharias”, mas na mão da escritora japonesa esse mundo ganha novo brilho, mesmo que esteja “numa viela onde se concentram pequenas bares. E onde se pode ver, mesmo em fotografia, a “imagem de um casal nu sentado diante do espelho”. Segundo a crítica, ela “vem se impondo no mundo literário japonês com a tonalidade extremamente peculiar de seu estilo, ao mesmo tempo refinado e enxuto, onde os temas

privilegiados são o dia a dia metropolitano”. A autora também coloca em questão a ocidentalização da cultura japonesa e a rivalidade com a China. Um romance que serve como bom cartão de visitas da literatura contemporânea do Japão. **(Raimundo Carrero)**



ROMANCE

Quinquilharias Nakano

Autor - Hiromi Kawakami

Editora - Estação Liberdade

Preço - R\$ 46

Páginas - 283

## PRATELEIRA

### SARTRE NO BRASIL: EXPECTATIVAS E REPERCUSSÕES

A passagem do filósofo Jean-Paul Sartre e sua mulher, a escritora Simone de Beauvoir, pelo Brasil, em 1960, marcou toda uma geração de intelectuais, como Fernando Henrique Cardoso, José Arthur Gianotti, e outros. O livro discorre sobre os significados históricos dessa visita, a partir do envolvimento do filósofo existencialista nas questões sociopolíticas e culturais do seu tempo, focaliza as ideias de engajamento político e de Terceiro Mundo, e dá um resumo das preocupações que o moviam. Inclui um artigo de Sartre e uma entrevista de Bento Prado Jr.



Autor: Rodrigo Davi Almeida

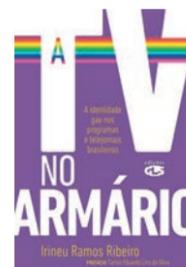
Editora: Unesp

Páginas: 135

Preço: R\$ 32

### A TV NO ARMÁRIO - A IDENTIDADE GAY NOS PROGRAMAS E TELEJORNALIS BRASILEIROS

O preconceito ainda é estimulado pela televisão no Brasil, segundo o autor, que analisa aspectos do tratamento dado aos gays em programas humorísticos, telejornais e novelas, com base nas teorias de Michel Foucault e outras. Ribeiro aborda o papel da mídia na formação da identidade, a maneira pejorativa como a comunidade LGBT é retratada, o conceito de gênero que se refere à construção social e cultural organizada a partir da diferença sexual, entre outros aspectos.



Autor: Irineu Ramos Ribeiro

Editora: Edições GLS

Páginas: 134

Preço: R\$ 31,90

### HUMANO CANTO

Nas páginas de *Humano Canto* o autor pernambucano incursiona poeticamente pelo universo da Cabala, mergulhando na abstração em busca da compreensão existencial. Sua construção poética se sustenta na espiritualidade e na consciência social, como alvos do crescimento humano. Sua poesia é centrada, sintética, abstrata e simbólica, forjada em imagens e metáforas e envolve em palavras que saem fortes e diretas, atentas à função social da escrita.



Autor: Hideraldo Montenegro

Editora: ArtExpressa

Páginas: 64

Preço: R\$ 12,90

### MODERNIDADES PRIMITIVAS - TANGO, SAMBA E NAÇÃO

A autora argentina analisa como o primitivo e o moderno se entrelaçam na construção da identidade nacional, na conversão do tango e do samba em símbolos da Argentina e do Brasil. Garramuño parte do princípio de que a cultura é um lugar de trânsitos, em que os processos, polêmicas e circunstâncias dinâmicas, muito mais do que referências fixas, contribuem para a formação das identidades culturais; e entende esse processos culturais de uma perspectiva inovadora, ao reinseri-los na cadeia de acontecimentos modernizadores, nos dois países vizinhos.



Autora: Florencia Garramuño

Editora: UFMG

Páginas: 224

Preço: R\$ 43

### GERAÇÃO 65

#### Livraria é reconhecida como patrimônio literário

A Livraria Geração 65, instalada no segundo andar da Casa da Cultura, criada em homenagem aos poetas pernambucanos que integraram o movimento literário 45 anos atrás, foi reconhecida como Patrimônio da Cultura Literária de Pernambuco, pela União Brasileira de Escritores-Sessão Pernambuco. Uma placa alusiva ao reconhecimento vai ser afixada este mês, em solenidade comandada pela UBE-PE.

### VÍDEO E LITERATURA

#### Ficção deve inspirar professores e alunos

Incentivar a leitura é o objetivo do *Festival Literatura em Vídeo*, lançado pelas editoras Ática e Scipione, voltado para o ensino fundamental II e médio: um professor orientador e cinco alunos devem produzir um vídeo, de até cinco minutos, baseado em qualquer obra de ficção do catálogo de uma das editoras. O material pode ser enviado até 15 de outubro para [www.literaturaemvideo.com.br](http://www.literaturaemvideo.com.br).

### CRÔNICAS

#### Coleção Antonio Maria será lançada em agosto

A FCCR lança em agosto, no *Festival A Letra e a Voz*, o primeiro volume da *Coleção Antonio Maria de Crônicas*, que integra a política pública para a área de literatura, que mapeia a produção contemporânea de Pernambuco e já editou séries dedicadas a poesia e a prosa. A coleção inclui gente consagrada, como Xico Sá, Samarone Lima e Raimundo Carrero, junto com nomes pouco conhecidos, muitos ligados a blogs.

## FICÇÃO

Elvira Vigna

## No momento em que a viagem não nos move

**Vou precisar detalhar** porque é nos detalhes que está o todo. É por isso que me ponho aqui, nessa recuperação/invenção. Preciso ver. E vejo melhor enevoada, pelo chope, pela fumaça, em meio às buzinas da avenida do centro da cidade, espantosamente raras. Há uma concordância, uma aquiescência com o engarrafamento, com os ônibus à toda que pegam o sinal já fechando, fechado. Todos sabem, esperam, este não vai parar. E seguram as sacolas do fim de tarde, da ida para casa, a concordância também nisso, de que é preciso comprar o pão, o presente, o papel higiênico. É nos detalhes que tenho a esperança esteja o todo que busco. Este, privado daqueles, esfarela-se. Não. Para isso ele teria de existir antes dos detalhes que se lhe agregam, ser sustentado por eles. E é o contrário. É a partir deles que monto um todo que ainda não sei qual vai ser e do qual dependo para decidir se vou para um lado. Ou outro. Se continuo, ou sumo.

Voltando então aonde estava. Eu estava com mais uns nada ou pouco mais do que nada.

A nudez de Rose. A nudez de Rose surge – e escolho o que se segue como escolheria feijão, se feijão ainda se escolhesse, este grão e não o outro.

A nudez de Rose surge de algo anódino, decidido. Ou adivinho. Este grão e não o outro. Por exemplo, há um raio de sol que bate no sofá e que o manchará caso nenhuma providência seja tomada. Contar com Arno para uma providência é disparate que Rose aprende cedo a não fazer.

Então, senta no raio de sol.

Pronto, o sofá não mais manchará.

Sentada, outra ideia lhe surge: fazer com que o calor atinja, sem obstáculos, o seu sexo, onde calores se encontram, há tempos, ausentes.

Levanta a saia.

É pouco. Em outro dia, já vem sem roupa de baixo.

Mais dias, e Rose certifica-se de que estar sentada sobre o sol não provoca mudança alguma no universo. Tira então a saia. O sol se move durante tais sessões, atinge barriga, atingiria seios. Tira o sutiã.

A roupa fica por um tempo sempre ao alcance de sua mão, por segurança.

Um dia ela cai em si e ri, segurança, rá.

Escala.

A roupa passa a ficar no quarto, dobrada, em perfeita ordem, um escárnio em relação à desordem que se passa na sala, braços e pernas em descompasso. Piruetas. E aí ela chega ao sofá para descansar, ofegante. E o sol no sexo.

Nunca a interrompem?

Sim, um dia, a empregada.

A empregada sai da cozinha. Fala uma frase onde entra: o jantar, o sabão, o forno; e algum verbo como: fazer, comprar, limpar. Por baixo de suas palavras, outras, não ditas: o que Rose estaria fazendo nessas tardes de sol e de silêncio, na sala. A empregada sai da cozinha, vê o que vê, fala o que dá, e nunca mais olhará Rose nos olhos. Uma vez a porta da cozinha fechada, Rose ri, as pernas abertas, mais sol, mais sol, ah, mais sol.

Não sei se eu disse, ela é alemã.

Mais dias. Agora Rose, prática, adianta providências em suas tardes de sol. Não mais danças, mas andanças. Ela branca, os móveis quase pretos, ela se debruça neles para acrescentar um item no rol da lavadeira, para costurar uma rendinha, limpar um sujinho. Ou pega os cigarros que, por sorte, estão longe, e depois os fósforos, mais longe ainda, e depois liga o rádio, lá perto da porta. E desliga.

Cyll Farney, *See you later alligator* e, entre um e outro, o sabonete Lux, sabonete das estrelas.

Entedia-se.

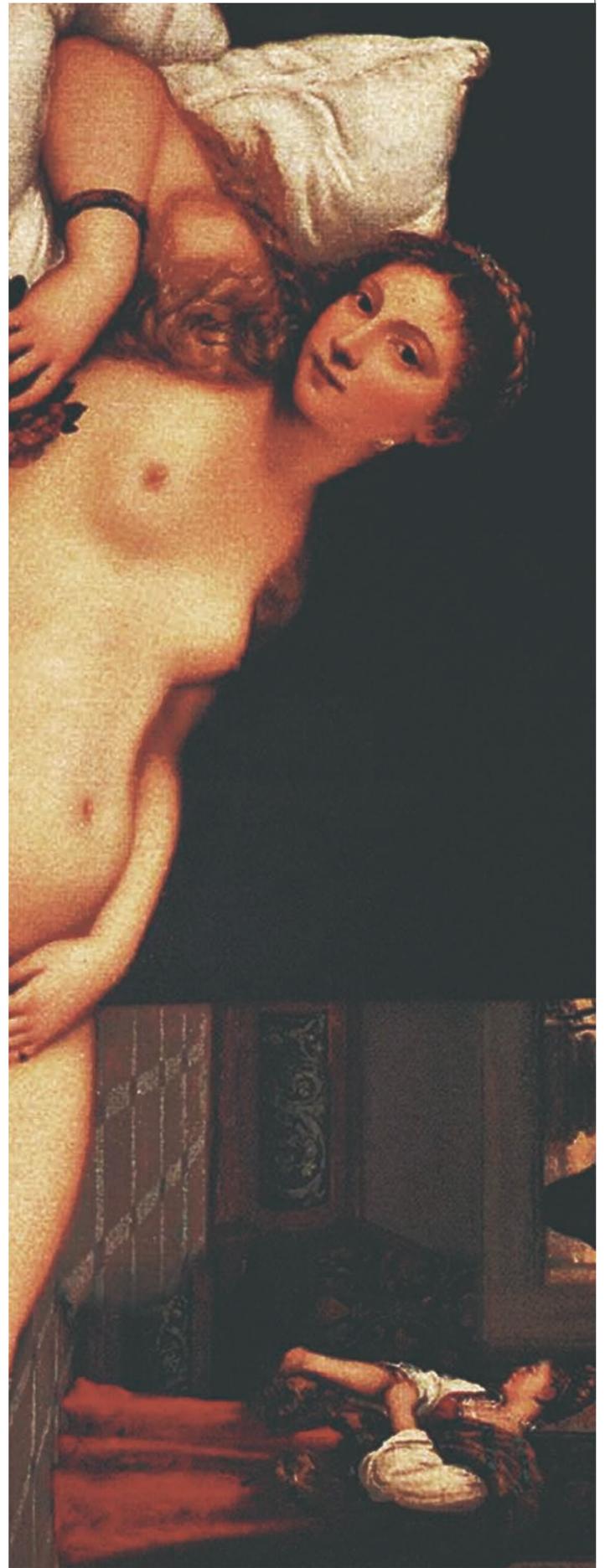
E, em vez de a empregada ir ver o que ela faz nessas tardes de sol e de silêncio, na sala, é Rose quem quebra o que já ameaça ficar aborrecido:

“Que o café saia logo porque depois quem vai sair sou eu.”

E fecha a porta da cozinha, o riso louco, descontrolado, uma das mãos tampando a boca para diminuir seu som, pois o riso, ele sim, é uma intimidade que não pode ser compartilhada. A sua outra mão está sobre o sexo, agora, a sós, tampando o sexo, não antes, a porta aberta.

No chuveiro, depois, o riso continua, sem que ela consiga parar, o som se irmanando ao borbulhar da água.

REPRODUÇÃO



Depois este episódio será contado, com gestos e caretas, às gargalhadas, durante o próximo bridge. Riem todos, é um sucesso. São europeus, caramba, e a empregada, uma bugra. Incapaz, portanto, de entender a vida moderna, cheia que está de preconceitos bobos que tanto limitam a vida dessa gente ignorante.

É por necessidade que Rose conta na sala de bridge o episódio da empregada.

É necessário que ela inicie um caminho, que o pavimento com a noção compartilhada por todos eles de que nada de fato tem muita importância. Ou terá. Ela ainda não sabe para

onde o caminho segue. Não nesse primeiro passo. Ainda não sabe e nem se importa. Quer principalmente que haja um caminho a ser seguido, que haja algo em movimento. E precisa, para isso, que todos concordem, uma concordância com sinais vermelhos a serem ultrapassados. Ela não prevê dificuldades. E a impressão, por muitos anos, minha inclusive, é a de que de fato não as teve.

Imigrantes. Todos nós o somos, hoje. Quando a viagem não nos move, é o entorno que nos foge, o que dá no mesmo. Ficamos então parados, com tudo o mais indo, imigrantes a entrar, todos os dias, em nós mesmos.

### SOBRE A AUTORA

Elvira Vigna é artista plástica e autora de *Nada a dizer e Deixei ele lá e vim*. Irá participar em agosto do festival *A letra e a voz*